

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

JULLIANY CRISTINA DE OLIVEIRA CAMPOS BRITO

**OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO: O PAPEL DA  
CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA *MAIS DO QUE***

CÁCERES, MT

2021

JULLIANY CRISTINA DE OLIVEIRA CAMPOS BRITO

**OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO: O PAPEL DA  
CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA *MAIS DO QUE***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Orientador:** Prof. Dr. Albano Dalla Pria

**Linha:** Estudos dos Processos de Significação

CÁCERES- MT

2021

© by Julliany Cristina de Oliveira Campos Brito, 2021.

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

<p>B862o BRITO, Julliany Cristina de Oliveira. Os Processos de Construção da Significação: O Papel da Construção Linguística Mais do que / Julliany Cristina de Oliveira Brito - Cáceres, 2021. 68 f.; 30 cm.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021. Orientador: Albano Dalla Pria</p> <p>1. Mais do que. 2. Localizador. 3. Identificação. 4. Diferenciação. 5. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. I. Julliany Cristina de Oliveira Brito. II. Os Processos de Construção da Significação: O Papel da Construção Linguística Mais do que: .</p> <p style="text-align: right;">CDU 81'373.614</p>
--

JULLIANY CRISTINA DE OLIVEIRA CAMPOS BRITO

**OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO: O PAPEL DA  
CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA *MAIS DO QUE***

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Albano Dalla Pria  
Orientador – PPGL/UNEMAT

---

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim  
Avaliador(a) Interno(a) – PPGL/UNEMAT

---

Profa. Dra. Marília Dias Ferreira  
Avaliadora Externa – IFTM

**APROVADA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

A *Deus*, por ser o alento e a força nessa caminhada de estudos.  
Ao meu *Guilherme*, que por inúmeras vezes, ainda pequeno, compreendeu que a mamãe precisava estudar e não podia brincar com ele.  
Ao meu esposo *Ozias*, que sempre apoiou a continuidade dos meus estudos.  
Aos *meus pais e irmãos*, simplesmente maravilhosos, que sempre me auxiliaram e me incentivaram a alcançar meus objetivos.  
A *todos aqueles* que já tiveram momentos de dificuldades no percurso acadêmico.  
E a *todos* que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Que todo o meu ser louve ao *Senhor*, e que eu não me esqueça  
de nenhuma das *suas bênçãos!*  
(Salmos 103:2)

A Deus, meu refúgio e minha glória, por iluminar sempre a minha trajetória de vida.

A minha família, meu filho, esposo, meus pais e irmãos, por todo apoio e compreensão nas horas dedicadas a este trabalho. Sem eles não teria conseguido.

Ao Ozias, meu esposo, que soube compreender os momentos em que a minha presença foi tão ausente.

Ao meu orientador, Dr. Albano Dalla Pria, por me receber e me acolher nos estudos enunciativos e predicativos culiolianos; além de, por inúmeras vezes, compreender minhas dificuldades. Agradeço pela paciência e pelo carinho ao longo desses anos. E, principalmente, pelas contribuições no meu desenvolvimento acadêmico.

Ao professor Dr. Taisir Mahmudo Karim e à professora Dra. Marília Dias Ferreira, pelas contribuições para a escrita e pela participação na qualificação e defesa deste trabalho.

Aos meus amigos Isael da Silva Sousa, Sylvain Anagonou, Elza Moreira Alves, Marta de Paula Vieira, Vanuza de Paula Siqueira e Nághila Cristina Amada da Silva, pelo apoio, carinho, atenção, conversas de incentivo e dedicação desde o início até o presente momento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL –UNEMAT, que souberam compartilhar, com sapiência, enriquecedores conhecimentos.

À UNEMAT, pela oportunidade.

[...] as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é o que importa, a não ser, a não ser, quê, a não ser que esses rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem a que terá de chegar...

(SARAMAGO)

*A linguagem é um eterno recomeçar que passamos aos nossos descendentes na bagagem genética. Uma língua natural é uma conquista contínua que passamos aos nossos descendentes na bagagem cultural. As duas ordens (linguagem e línguas) estão de tal modo imbricadas, que, privado de uma herança ou de outra, o ser humano não se desenvolve.*

(Letícia Rezende)

## RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa Estudos dos Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), tem a pretensão de analisar enunciados com ocorrência de *MAIS DO QUE*, a fim de apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e do valor semântico que estabilizam. Para isso, em nossas análises, nos valem da atividade de manipulação e reformulação dos enunciados através da elaboração de glosas epilinguísticas, que nos permitem apreender o funcionamento dessas formas para a construção da predicação e, conseqüentemente, da significação, amparados pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). O referencial teórico mais robusto está nos três tomos de Culioli (1990, 1999a, 1999b). Nosso objetivo é observar os desdobramentos de significação de *MAIS DO QUE* em seus diferentes papéis em orações classificadas, pela tradição gramatical, como comparativas. Trabalhamos com a hipótese de que *MAIS DO QUE* situa representações em relação à situação particular de diálogo. Percebemos que o *QUE* marca a noção que vai operar como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa) enquanto o *MAIS* marca uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço, ou seja, não marca uma identificação, como pressupõe a Gramática Tradicional (GT). Nosso material de análise é composto por enunciados extraídos da compilação de textos denominada *Corpus do Português*.

**Palavras-chave:** Mais do que. Localizador. Identificação. Diferenciação. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

## ABSTRACT

This work, inscribed in the research line Studies of Meaning Processes of the Postgraduate Program *Stricto Sensu* in Linguistics at the University of Mato Grosso State (UNEMAT), intends to analyze utterances with the occurrence of *MAIS DO QUE (MORE THAN)*, in order to apprehend the enunciative processes of their functioning, focusing on the role of constructing the meaning and semantic value they stabilize. For this reason, in our analyses, we used the activity of manipulation and reformulation of utterances through the elaboration of epilinguistic glosses, which allow us to understand the functioning of these forms for the construction of predication and, consequently, of meaning, supported by the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). The most robust theoretical framework is found in Culioli's three volumes (1990, 1999a, 1999b). Our goal is to observe the unfoldings of meaning of *MAIS DO QUE (MORE THAN)* in its different roles in clauses classified, by traditional grammar, as comparative. We worked with the hypothesis that *MAIS DO QUE (MORE THAN)* situates representations in relation to the particular situation of dialogue. We realized that the *QUE (THAN)* marks the notion that operates as an abstract locator of a predicative content (predicative connection) while the *MAIS (MORE)* marks a differentiation from the notion that precedes it, in relation to a determined enunciative situation in time-space. In other words, it does not mark an identification as presupposed by Traditional Grammar (GT). Our analysis material is composed of Grammar (GT). Our material of analysis is composed of utterances extracted from the compilation of texts denominated *Corpus do Português*.

**Keywords:** Mais do que; Locator; Identification; Differentiation; Theory of Predicative and Enunciative Operations.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TOPE: Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

GT: Gramática Tradicional

L.P: Língua Portuguesa

PB: Português Brasileiro

Sit: Situação enunciativa

Qnt: Quantificação

Qlt: Qualificação

$\pi$ : Noção Relacional

$\xi_0$ : Argumento (ponto de partida)

$\xi_1$ : Argumento (ponto de chegada)

$\lambda$  : Léxis

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Esquematização do conceito de domínio nocional .....	34
<b>Figura 2:</b> Regras Gerais .....	43

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
<b>1. A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS (TOPE) .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 Articulação língua e linguagem .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 A atividade de linguagem .....</b>	<b>21</b>
1.2.1 Atividade de representação .....	21
1.2.2 Atividade de referenciação .....	23
1.2.3 Atividade de regulação .....	25
<b>1.3 Os processos de construção do enunciado .....</b>	<b>26</b>
1.3.1 Relação primitiva e o esquema de léxis .....	28
1.3.2 Relação predicativa .....	28
1.3.3 Relação enunciativa .....	30
<b>1.4 A noção e o domínio nocional .....</b>	<b>31</b>
1.4.1 Ocorrência .....	32
1.4.2 Centro organizador da noção: tipo, atrator, fronteira .....	33
1.4.3 Domínio nocional .....	34
<b>1.5 Sistema de orientação: a Localização e a Determinação .....</b>	<b>35</b>
1.5.1 A quantificação (Qnt) e a qualificação (Qlt) .....	37
<b>1.6 A modalidade e o aspecto .....</b>	<b>39</b>
<b>1.7 A Paráfrase e a Glosa .....</b>	<b>40</b>
<b>2 A COMPARAÇÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>2.1 Conceito Lógico-Gramatical e regras de formação .....</b>	<b>42</b>
<b>3. OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO: O PAPEL DA CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA MAIS DO <i>QUE</i> .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 A construção da predicação e da significação: uma análise .....</b>	<b>52</b>
3.1.1 Enunciado 1 .....	54
3.1.2 Enunciado 2 .....	56
3.1.3 Enunciado 3 .....	57
3.1.4 Enunciado 4 .....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, propomos o estudo de enunciados, classificados pela tradição gramatical, como orações<sup>1</sup> comparativas, com ocorrência de *MAIS DO QUE*, a fim de apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e o valor semântico que elas estabilizam. Diferentemente da abordagem da Gramática Tradicional, essas unidades foram assumidas como marca de operações enunciativas.

Na TOPE, entendemos estabilização como um processo cujo resultado é o enunciado, mas isso não quer dizer que o enunciado reflita estabilidade. Parte-se de uma instabilidade de princípio e se busca construir estabilidade. Conforme Vogüe (1995, p. 255), “tem-se de partida as noções instáveis, não instanciadas e não delimitadas, e trata-se de estabilizá-las, validando-as, instanciando-as e localizando-as”<sup>2</sup>. Esse trabalho caracteriza-se pela busca da construção dessa estabilidade nos enunciados estudados.

Para empreendermos esta pesquisa, ancoramo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018). O programa teórico da TOPE sustenta-se na conceituação da linguística como ciência, cujo objetivo é apreender a atividade de linguagem através da diversidade das línguas naturais. A linguagem, nessa perspectiva, passa a ser abordada como um trabalho, uma atividade de construção de representação, referenciação e regulação. E, por línguas naturais, os arranjos-léxico gramaticais que se configuram como formas interpretáveis em situações particulares de diálogo.

Também buscamos compreender como o homem constrói representações por meio da atividade de linguagem. Destacamos, nesse momento, que não entendemos, nesse caso, formas e sujeitos separadamente, antes “trata-se não de sujeitos que utilizam formas, mas de formas que marcam e constroem sua presença, formas que traçam a atividade dos sujeitos” (VOGÜE, et al., 2011, p. 11).

Ao recortarmos *MAIS DO QUE* como objeto de estudo, pretendemos mostrar, a partir de uma abordagem operatória, como as unidades da língua remetem a noções semânticas indeterminadas, ainda que relativamente estabilizadas na cultura, mas que estão abertas a

---

<sup>1</sup>O emprego do termo “orações comparativas” ou ainda “enunciados comparativos”, neste trabalho, deve-se ao fato de estarmos lidando com termos assim classificados pela tradição de estudos gramaticais, e também por quisermos estabelecer uma relação de diálogo entre esta dissertação e esses estudos gramaticais.

<sup>2</sup>“on a au départ des notions instables, non instanciées et non délimitées, et il s'agit de les stabiliser en les validant et de les instancier en les localisant” (VOGÜE, 1995, p. 255).

possibilidades de sentido que transcendem o que está estabilizado num dado momento para uma determinada cultura.

Partimos da hipótese de linguagem como “uma atividade que supõe, ela mesma, uma perpétua atividade epilinguística (definida como ‘atividade metalinguística não consciente’)<sup>3</sup>. (CULIOLI, 1999a, p. 19, *grifo nosso*). Compreendemos atividade epilinguística como o diálogo interno “que sustenta o caminho externo e visível de atribuição de valores, significados, leituras, interpretações, etc.” (REZENDE, 2000, p. 285). Discorreremos com mais detalhes sobre essa atividade no primeiro capítulo desta dissertação.

Com base nos pressupostos da TOPE, assumimos que tanto a linguagem como os sujeitos são indeterminados. Desse ponto de vista, a tese da indeterminação da linguagem poderia estar ligada ao caráter operatório das unidades, isto é, à possibilidade de se desdobrarem no tempo e no espaço, assumindo diferentes papéis:

[...] propor a indeterminação da linguagem é propor uma plasticidade necessária ao trabalho de construção de representações feito pelos sujeitos. Diferentemente dos estudos linguísticos que se consolidaram no rastro da teoria do signo, nos quais não fica muito claro com que finalidade os falantes relacionam unidades, se depois de as relacionar, tanto o todo resultante quanto a parte, (a unidade) não se alteram, a proposta de articulação do léxico com a gramática e a sua fundamental indeterminação oferecem uma razão ao trabalho dos sujeitos. Ao se relacionar as partes criando um todo integrador, parte e todo se alteram e, nesse momento, a linguagem pode ser vista como uma forma ou esquema de ação, que ao mesmo tempo fornece ao sujeito as possibilidades de se constituir (REZENDE, 2000, p. 25).

Podemos salientar, tomando como referência as palavras de Rezende, que a linguagem não é um reflexo de um sentido que preexiste. Não olhamos o enunciado como um produto dotado de significação dada de antemão. Nosso olhar é voltado para a atividade de linguagem, especificamente, para os rastros deixados por ela na superfície dos enunciados. Dessa forma, propomos uma abordagem operatória para *MAIS DO QUE* que leve em consideração cada uso em toda a sua particularidade.

Por termos escolhido enunciados, classificados pela tradição de estudos gramaticais como “orações comparativas” ou ainda “enunciados comparativos”, para observamos o modo

---

<sup>3</sup> No original: “Le langage est une activité qui suppose, elle-même, une perpétuelle activité épilinguistique (défini comme « activité métalinguistique non consciente »)” (CULIOLI, 1999a, p. 19).

como o valor semântico de *MAIS DO QUE* se estabiliza, não pudemos deixar de estabelecer uma relação de diálogo entre esta dissertação e esses estudos gramaticais.

Constatamos que a abordagem gramatical tradicional caracteriza as unidades linguísticas *MAIS DO QUE* como elementos intensificadores dos adjetivos – a significação de um adjetivo pode receber intensidade maior, ou menor. Em grande parte das gramáticas normativas, o conceito mais usual, resumidamente, é que o comparativo compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo uma igualdade, uma superioridade e uma inferioridade, e que *MAIS DO QUE* marca essa categorização.

Com base nessa perspectiva, autores como Bechara (2009), Rocha Lima (2001) e Cunha & Cintra (2007) descrevem, de forma geral, que a formação do grau comparativo de superioridade se expressa antepondo-se o advérbio **mais** e pospondo-se a conjunção **que** ou **do que** ao adjetivo, essa é a “fórmula” para se definir um comparativo de superioridade. Vamos supor que dois seres, hipoteticamente chamados de X e Y, possuem a propriedade de <ser rápido>; logo podemos compará-los, seguindo a definição da Gramática Tradicional (GT), por haver, ao fim, uma identificação, pois ambos serão detentores da mesma propriedade <ser rápido>.

Entendemos que a Tradição Lógico-Gramatical trata esses enunciados a partir da ideia de um valor “já dado” para as formas no português, as quais são tomadas como estáveis; noutras palavras, as formas seriam veículos do valor dado que antecede as práticas dos sujeitos enunciadoreis. O problema é que esse “já dado” está fundamentado por uma dada experiência com o empírico (extralinguístico) e não por mecanismos formais da linguagem<sup>4</sup>.

Assim, observamos que a perspectiva teórica, descrita no parágrafo anterior, não busca abordar, de forma articulada, a linguagem e as línguas naturais, enquanto “processo da enunciação com mecanismos cognitivos, semânticos e sintáticos que discriminam certas formas para a expressão, e não outras” (DAHLET, 2016 apud ZAVAGLIA, 2016, p.17). É justamente nosso intuito abordar essa articulação entre linguagem e línguas naturais.

Para tanto, assumimos, baseados na TOPE, que o ponto de partida para a compreensão do funcionamento das unidades linguísticas *MAIS DO QUE*, em língua portuguesa (L.P), seja a enunciação, enquanto processo pelo qual o enunciado se constrói. A base desse processo de construção de significação encontra-se sustentada por operações definidas por Culioli (1990, 1995, 1999a, 1999b, 2018) como operações predicativas e enunciativas.

---

<sup>4</sup> Trata-se de mecanismos de representação, referenciação e regulação (CULIOLI, 1990, p. 177-213) que organizam a percepção do empírico (extralinguístico) através da diversidade das línguas.

Nosso objetivo é observar os desdobramentos de significação das unidades linguísticas *MAIS DO QUE* em seus diferentes papéis em orações classificadas, pela tradição gramatical, como comparativas. Vamos observar o percurso para se chegar ao valor semântico que esses termos estabilizam nos enunciados. Sabemos que a significação existe, porém, “o nosso posicionamento teórico procura saber como eles chegam a ser o que são” (REZENDE, 2000, p. 17). Posto isso, nossos questionamentos são: a) *MAIS DO QUE* comporta parâmetros que incidem sobre os processos implicando eventos de ruptura com aquilo que se encontra semanticamente estável? b) Quais os desdobramentos que as unidades linguísticas evidenciam? c) De que modo está fundamentado o funcionamento de *MAIS DO QUE*? Por meio desses primeiros questionamentos, buscamos compreender como esses marcadores se relacionam com outras unidades linguísticas para significar.

Seguindo os pressupostos da TOPE, trabalhamos com a hipótese de que *MAIS DO QUE* situa representações em relação à situação particular de diálogo. Assim, o *QUE* marca a noção que vai operar como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa), enquanto o *MAIS* marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaco. Ou seja, não marcará uma identificação como pressupõe a Gramática Tradicional (GT).

Para os propósitos desta pesquisa, construímos glosas com intuito de apreendermos o funcionamento dessas formas linguísticas em relação no enunciado, constituindo um *corpus* representativo de ocorrências das orações comparativas. Importa ressaltar que todos os enunciados foram extraídos da compilação de textos denominada *Corpus do Português*<sup>5</sup>. Esse banco de dados foi construído pelo professor Mark Davies e financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015). O *Corpus do Português* contém cerca de um bilhão de palavras de dado. Desta maneira, extraímos quatro (04) enunciados dessa plataforma.

Organizamos esta dissertação em três seções. Na seção 1, apresentamos a teoria culioliana sobre a qual nossas reflexões se sustentam. Tratamos de pontos que consideramos importantes para a compreensão do processo de construção de significação, tais como: a relação língua e linguagem, a noção, o domínio nocional, as relações primitiva, predicativa e enunciativa, as atividades de linguagem, as operações modais e aspectuais, entre outros.

Na seção 2 – A comparação –, tratamos das concepções e regras de formação que alguns gramáticos trazem desses enunciados no Português Brasileiro (PB). Procuramos,

---

<sup>5</sup> Disponível em < <https://www.corpusdportugues.org/>>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

principalmente, confrontar posicionamentos do tratamento tradicional com a abordagem operatória fundamentada nos pressupostos da TOPE, com o intuito de estabelecer uma relação de diálogo entre esta dissertação e esses estudos gramaticais. Não temos o intuito de desprestigiar nenhum estudo, apenas mostrar um ponto de vista diferente desse pregado pelas gramáticas normativas.

Na seção 3, trouxemos análises de enunciados vistos pela Tradição Lógica Gramatical como orações comparativas. Mostramos os processos enunciativos de funcionamento das formas linguísticas em relação no enunciado e qual o papel de MAIS DO QUE na construção da significação, com ênfase no valor semântico que esses termos estabilizam nos enunciados. Para isso, construímos glosas com o intuito de apreendermos o funcionamento dessas formas linguísticas em relação no enunciado. Para encerrar a seção, apresentamos uma síntese com as generalizações decorrentes das análises.

A Seção 4 apresenta as considerações finais desta pesquisa. Nela, elaboramos uma síntese dos pressupostos que sustentaram a nossa análise. Constam, nessa seção, respostas aos questionamentos colocados nesta introdução.

## 1. A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS (TOPE)

Nesta seção, faremos uma apresentação da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), com a finalidade de assegurar uma compreensão clara dos conceitos basilares da teoria, recortando-a nos tópicos conceituais mais relevantes para a nossa pesquisa.

Antoine Culioli propõe como objeto teórico de pesquisa a articulação da linguagem com as línguas naturais, redefinindo o objeto de pesquisa da linguística: “[...] a linguagem é considerada apenas por meio do que as formas permitem dizer [...]” (VOGÜÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 10). Conforme Culioli (1990),

[...] de um lado, digo que o objeto da Linguística é a atividade da linguagem (ela mesma definida como operações de representação, de referenciação e de regulação); de outro, digo que esta atividade nós não podemos apreender, para estudar o funcionamento, a não ser por configurações específicas, por arranjos em uma dada língua. A atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e reconhecimento de formas. Logo, estas formas não podem ser estudadas independentemente de textos, e os textos não podem ser independentes das línguas (1990, p. 14, *tradução nossa*).<sup>6</sup>

Culioli (1990) enfatiza que as línguas e a linguagem estão imbricadas de tal maneira que só é possível observar um fenômeno de linguagem através da observação do funcionamento da atividade de linguagem através das línguas; pois é através dessas, enquanto sistemas simbólicos de representação – que variam fundamentalmente no tempo, no espaço e para os sujeitos enunciadorees –, que a linguagem, enquanto atividade, se materializa; e é a partir dessa relação que se define o dado linguístico.

### 1.1 Articulação língua e linguagem

Não há como compreender a estrutura e o funcionamento desse sistema complexo que é a língua sem se levar em consideração os processos que lhe deram origem, assim como não se

---

<sup>6</sup>[...] d’un côté, je dis que l’objet de la linguistique est l’activité de langage (elle-même définie comme opérations de représentation, de référenciation et de régulation); d’un autre côté, je dis que cette activité nous ne pouvons l’appréhender, afin d’en étudier le fonctionnement, qu’à travers des configurations spécifiques, des agencements des une langue donné. L’activité de langage renvoie à une activité de production et de reconnaissance de formes. Or, ces formes ne peuvent pas être étudiées indépendamment des textes, et les textes ne peuvent être indépendants des langues (CULIOLI, 1990, p. 14).

pode reduzir esse estudo à observação da atividade de linguagem; pois a essa o linguista conseguirá acesso somente por meio dos textos orais ou escritos. Por isso, Culioli (1990) diz ser necessária a articulação entre língua e linguagem nos estudos linguísticos.

Para Culioli (1990), a linguagem é a capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação. É apreendida através dos textos orais e escritos, e observável nas línguas naturais. Não se trata, de modo algum, de um decalque da realidade, pois cada indivíduo apreende sua realidade extralinguística tendo como base suas experiências afetivas, sua cultura, ou seja, são percepções individuais e pessoais. Por exemplo, quando dizemos: “eu quero o meu Fiat”, a substituição de “carro” por “fiat” (nome identificador da empresa fornecedora de carros) não é arbitrária. A ocorrência sempre próxima de “fiat” e de “carro” nega a arbitrariedade. Percebe-se que a identidade entre as duas unidades linguísticas relacionadas se caracteriza pelo seu funcionamento e não por um valor pré-estabelecido ou estabilizado na língua.

É por meio da língua, através dos textos orais e escritos, que se encontram traços das operações da linguagem, e é a partir desses que podemos analisar os processos que determinam essa produção/reconhecimento e, conseqüentemente, encontrar a invariância. Essa procura pela invariância é muito importante na teoria culioliana, pois foi baseado nela que Culioli procurou desenvolver uma teoria, cujos dados produzidos possam contribuir na passagem de uma língua para outra.

Culioli tem como objetivo a análise da articulação da linguagem (enquanto atividade) com as línguas naturais (enquanto sistemas de representação fundamentalmente variáveis), com o intuito de chegar aos mecanismos que foram colocados em jogo pelos sujeitos enunciadoreis. Até mesmo as ambigüidades, os desvios e as exceções são materiais observáveis para Culioli.

Para a TOPE, a linguagem é definida como atividade, o que significa dizer que ela consiste em um trabalho de elaboração de representações, marcada pela relação de diálogo intersubjetivo. É em razão desse diálogo que a linguagem pode ser caracterizada como uma atividade de representação, referenciação e regulação apreendida por meio das línguas naturais. Rezende (2000, p. 90) diz que “é possível verificar que a constituição do eu (identidade) inicia-se com o outro (alteridade) e o extremo-outro-social (história, mundo físico etc.) se interioriza e o interno-eu-psicológico (emoções, afetividade, gostos, atrações etc.) se exterioriza”.

A linguagem, nessa perspectiva teórica, não pode ser concebida como sendo um espelho da realidade, uma vez que as unidades linguísticas não refletem as coisas em uma relação direta, “como construções enunciativas que são, não repousam em nenhum outro elemento de

estabilidade além do que a enunciação pôde construir” (DE VOGÜE; FRANCKEL; PAILLARD. 2011, p. 11). Os sentidos atribuídos às unidades são o produto dos modos pelos quais as unidades são colocadas em interação. Ainda nessa acepção:

Pode-se evidenciar a ideia fundamental de que o sentido se constrói a partir de unidades que integram o todo (e a ele se integram) “efetuando” o enunciado. O sentido das formas não é definido por aquilo a que elas remetem em um mundo (ou uma representação do mundo) externo à língua; a significação de um termo não poderia se confundir com sua referência: ela só se constitui na dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados (FRANCKEL, 2011, p. 43).

É importante, nesse momento, falar sobre a atividade epilinguística, que consiste em um diálogo interno, não consciente, em que os indivíduos lançam mão para escolher as unidades significativas que utilizarão para se comunicarem. Isto é,

A atividade epilinguística [...] traz em seu bojo processos simultâneos de centralização (identidade e auto-conhecimento) e descentralização (alteridade ou conhecimento do outro) [...] A atividade epilinguística, por meio de mecanismos de parafrazação e desambiguação, permite que textos sejam transformados em busca de uma adequação precisa a um cenário psicossociológico (REZENDE, 2008, p. 96 - 97).

Deste modo, compreende-se que é através da atividade epilinguística que os sujeitos se tornam, ao mesmo tempo, produtores e reconhecedores de formas. Tanto no reconhecimento quanto na produção de formas, as unidades linguísticas não são providas de um valor dado, estabilizado na língua. É a partir dessa capacidade em organizar e construir os dados da língua, que conseguimos visualizar os traços da atividade dos sujeitos. Para a TOPE, em todo o processo de significação da linguagem, os sujeitos têm uma participação ativa.

Em nosso dia-a-dia, por exemplo, estamos a todo momento produzindo e reconhecendo enunciados, seja em nosso meio familiar, profissional, entre outros; nessas circunstâncias, muitas vezes precisamos contornar mal-entendidos na fala, e para isso, frequentemente, mudamos até mesmo o modo como falamos em busca de compreensão, conforme o diálogo simples a seguir:

- Rapaz, você viu como a Maria está alegre? O casamento fez bem a ela?
- A Maria! Mas ela se casou? Quando?

- A Maria Cristina, filha da dona Silvia!
- Ah! Maria Cristina da Silvia, pensei na Maria, minha vizinha, filha da Ana.

Quando o enunciador constrói um enunciado, a sua intenção é sempre dizer algo, significar. O coenunciador também fará um esforço para investir de significação aquela sequência textual. O resultado dessa interação serão diversas sequências que só são possíveis devido às operações que articulam linguagem e língua manipuladas pelo sujeito.

É devido a essas características da atividade de linguagem que Culioli (1999a) propõe ir além das propriedades classificatórias, definindo a TOPE como a “Teoria dos Observáveis”, por se tratar de uma abordagem em que a observação é primordial para o linguista. A partir da observação de famílias de enunciados em relação parafrástica, consegue-se enxergar, com os instrumentos teóricos adequados, como os sujeitos constroem a significação por meio da atividade de linguagem. Dito isso, passemos à apresentação dos processos languageiros.

## **1.2 A atividade de linguagem**

Segundo Culioli (1990), criar e interpretar enunciados é possível por meio de processos nomeados por ele de languageiros, que são três capacidades cognitivas inatas ao homem: de representar, de referenciar e de regular.

O primeiro nível de representação é subjetivo e centralizado; o segundo nível de representação, que é a referenciação, é objetivo e descentralizado; e o terceiro, da regulação, é novamente subjetivo mas alcançou um outro nível de organização em razão do diálogo com o outro, com o diferente, realizado no nível anterior, o da referenciação e, portanto, é subjetivo e centralizado novamente (REZENDE, 2012, p. 570).

Passemos a dissertar sobre esses três processos languageiros. São eles: atividade de representação, atividade de referenciação e atividade de regulação.

### **1.2.1 Atividade de representação**

Para Culioli (1990), a atividade de representação contempla três níveis distintos. O primeiro, trata-se do nível nocional ou nível 1. É aqui que se dá a organização das representações mentais, construídas através do universo simbólico extralinguístico e linguístico em correspondência direta com as nossas atividades cognitivas e afetivas. É neste momento que haverá a organização das experiências dos sujeitos construídas em relação ao mundo, à cultura de cada um. A atividade de representação:

[...] está atrelada a outros domínios cognitivos que não são estritamente linguísticos, como o mnemônico, o sensorial, o afetivo, entre outros, já que representar é propriamente colocar em prática uma categorização baseada nos universos extralinguístico e linguístico pelos quais os sujeitos constroem, simbolicamente, suas representações mentais (ZAVAGLIA, 2016, p. 45).

Culioli (1999a, p. 162) ressalta que, apesar das noções serem representações inacessíveis, nós conseguimos apreendê-las, ainda que tangencialmente, por meio dos textos, como também podemos apreender através dos gestos faciais (mímica) ou dos gestos fônicos como a prosódia ou a entonação. O nível II é o nível das representações linguísticas, dos arranjos de marcadores. As unidades do nível II são marcadores de operações do nível I, ao qual o linguista só tem acesso por meio dos traços que são os marcadores. Por fim, o nível observacional ou nível 3 é constituído pelas representações metalinguísticas das representações do nível II. Logo, “o metalinguístico corresponde a uma tentativa de formalizar o que é, por natureza, não formulável, inacessível” (ROMERO, 2011, p. 155). Assim:

[...] Nós não temos acesso ao processo que dá origem às formas [...], mas temos a nossa disposição os traços textuais que apontam para esse processo. Se nós chamarmos essa atividade de processo inacessível de **Nível I**, então os padrões de marcadores estão no **Nível II** e nós podemos concluir que os observáveis são representativos do **Nível I**. Devemos, por isso, construir operações metalinguísticas de **Nível III** que serão formalizadas em seqüências textuais, equivalentes aos observáveis no **Nível II**. [...] (CULIOLI, 1990, p.178, *destaques do autor, tradução nossa*).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> [...] We have no access to the processes that originate the forms [...] but we have at our disposal the textual traces which point such processes. If we call this inaccessible processing activity **Level I**, then the patterns of marks are **Level II**, and we are led to conclude that **Level II** observables are the representatives of **Level I** processes. We must therefore construct metalinguistic operations at **Level III** which will result in formal textual sequences, equivalent to **Level II** observables [...] (CULIOLI, 1990, p. 178, *destaques do autor*).

É também nessa operação que os sujeitos atribuem às noções as propriedades (P) e as não propriedades (não-P) de um objeto, por exemplo. Nas palavras dessa pesquisadora, “[...] a representação mental, então, constrói-se pela afirmação de uma série de propriedades características de um objeto X, o que implica a negação de outras tantas propriedades [...]” (ONOFRE, 2003a, p. 62).

O processo de representação, assim como o da referenciação e o da regulação é ativado a todo momento na produção e no reconhecimento das formas. Doravante, discorreremos sobre a atividade de referenciação.

### 1.2.2 Atividade de referenciação

A atividade de referenciação pode ser definida como uma relação entre os elementos do nível 1 e do nível 2. É nesse momento que haverá a construção do espaço de referência em que comportará os valores referencias em jogo durante uma situação enunciativa. A referenciação é uma operação de localização, por isso não devemos confundir a referenciação como uma relação direta entre coisas e nomes, pois:

[...] o sistema de referência não é fornecido todo constituído, mas é constituído por um sujeito que é parte integrante do sistema. Assim, não temos o caso de um observador exterior, munido de um referencial objetivável, mas tudo se passa como se o sujeito se constituísse como origem do sistema de referência. Acontece que, esse sujeito deve construir o sistema em relação a um outro sujeito a quem ele quer fazer partilhar sua representação; situação complexa, pois, excetuando a operação de apontar (quando temos o caso do visível e que o interlocutor está presente), nós não possuímos referencial externo e pré-ajustado que funcionaria de sujeito a sujeito (CULIOLI, 1999a, p. 167).<sup>8</sup>

É importante que o sistema referencial constituído seja ajustável, que seja um lugar que possibilite ajustamento entre os interlocutores. É essa possibilidade de construção do sistema de referência que garante a produção e o reconhecimento dos textos pelos sujeitos.

Se retornarmos ao diálogo, na p. 20, tomado como exemplo acerca de “quem era Maria”, notaremos que a referência construída pelos enunciadores não era a mesma em um primeiro

---

<sup>8</sup> No original: [...] Le système de référence n’est pas fourni tout constitué, mais est construit par un sujet qui est partie integrante du système. Ainsi on n’a pas affaire à un observateur extérieur, muni d’un référentiel objectivable, mais tout se passe comme si le sujet se constituait comme origine du système de référence. Or, ce sujet doit construire le système par rapport à un autre sujet à qui il veut faire partager sa représentation; situation complexe, car, en dehors du pointage (lorsqu’on a affaire à du visible et que l’interlocuteur est présent), nous ne possédons pas de référentiel externe et pré-ajusté qui fonctionnerait de sujet à sujet (CULIOLI, 1999a, p. 167).

momento. A estabilização ocorreu na troca interativa entre os sujeitos enunciadore, advindo com a busca da referenciação. Nessa perspectiva, Culioli diz que,

[...] o pré-requisito para a referenciação é a construção de um sistema de coordenadas intersubjetivas complexo, de um espaço referencial e de objetos linguísticos localizáveis (mais precisamente, localizável em relação ao centro organizador de um domínio nocional, bem como em relação a parâmetros subjetivos e espaço-temporais do espaço de referência (CULIOLI, 1990, p. 180, *tradução nossa*)<sup>9</sup>.

Ainda nesse sentido, o autor ressalta que,

Há sempre no sentido mais forte, construção interpretativa dos fenômenos de superfície pelos enunciadore; há sempre proliferação da linguagem sobre ela mesma – temos sempre um jogo de formas e um jogo de significações. A comunicação se dá nesse ajustamento mais ou menos bem-sucedido, mais ou menos desejado[...]. Assim, compreende-se melhor porque um texto não tem sentido fora da atividade significativa dos enunciadore, e porque a ambiguidade (e o mal-entendido) não são apenas explicáveis, mais ainda parte integrante do modelo [...] (CULIOLI, 1999a, p. 48 *apud* ROMERO, 2019, p. 179).

Assim, conforme o excerto supracitado, compreende-se que a referenciação é permeada por representações subjetivas. Dificilmente, no meio de todo o processo em busca da equilibração das representações, não haverá uma série de ajustamentos; um esforço dos enunciadore para investir as representações de significação, já que as representações variam fundamentalmente intra e inter-sujeitos. Portanto:

É preciso compreender que “carro” não é um objeto ingenuamente bem delimitado no espaço e que como linguistas trabalhamos com problemas ligados à atividade simbólica e não com problemas ligados diretamente à realidade física, pois quando produzimos/reconhecemos enunciados, podemos associar ao objeto “carro” outras experiências vividas. A referência dos objetos linguísticos não deve ser buscada de modo direto nos objetos do universo físico, mas é uma construção feita através da experiência individual sobre os objetos do mundo físico e mental (REZENDE, 1983, p. 111).

---

<sup>9</sup> No original: [...] the prerequisite to reference assignment is the construction of a complex intersubjective coordinate system, of a referential space, and of localizable linguistic objects (more accurately, locatable with respect to the organizing centre of a notional domain, as well as relative to the subjective and spatio-temporal parameters of the referential space [...]) (CULIOLI, 1990, p. 180).

Logo, para a TOPE, a realidade a que se refere o enunciado é construída no e pelo enunciado, ao levar em consideração a experiência e a percepção dos sujeitos enunciadore. Em uma troca enunciativa, é impossível não haver a necessidade de ajustamentos, regulação entre os sujeitos, uma vez que não há atividade de linguagem sem ajustamento. A seguir, trataremos da atividade de regulação.

### 1.2.3 Atividade de regulação

Já a atividade de regulação tem como foco os ajustamentos, que ocorrem durante a enunciação entre os sujeitos enunciadore, baseada na identificação e na diferenciação. Nesse processo, que envolve as representações de ambos os enunciadore, o enunciadore empreende um esforço para se fazer entender, sempre levando em consideração o outro. É nesse momento que é posto em jogo as representações dos dois sujeitos enunciadore. Caso tenha a “equilibrção” das representações, teremos um enunciado estabilizado que produz, naquela situação enunciativa específica, um sentido. Em outras palavras,

[...] ao produzir um enunciado, o enunciadore regula a sua produção, que para ele é confirmada, na representação que construiu da possível interpretação de seu enunciatário, que para ele é suposta. Seria [...] uma adequação do discurso do enunciadore dependendo de seu ouvinte ou leitor (ZAVAGLIA, 2016, p.53-54).

Culioli (1990) diz que a operação de regulação traz consigo a estabilidade, mas traz também o que ele chama de deformabilidade. Pois, se não houvesse estabilidade não haveria comunicação. No entanto, ele deixa claro que a estabilidade posta por ele não é de modo algum sinônimo de rigidez ou imutabilidade, devido a dinamicidade dos fenômenos linguísticos. Segundo Culioli (1990):

[...] sem estabilidade, não haveria ajustamento regular, nem comunicação, qualquer que seja o alcance que damos a esse termo, e a interação somente seria uma sucessão de acontecimentos sem coerência. [...] Mas a estabilidade não saberia ser confundida com a rigidez ou com a imutabilidade. Os fenômenos linguísticos formam sistemas dinâmicos que são regulares, mas com uma margem de variação devido a fatores de grande diversidade: temos

o caso de fenômenos que são ao mesmo tempo estáveis e plásticos (1990, p. 129).<sup>10</sup>

A regulação, pois, é indissociável das operações de representação e de referenciação. Juntas, permitem aos indivíduos produzir e reconhecer formas por meio dos enunciados, que são os rastros dessas operações. Trataremos, no próximo item, sobre o enunciado.

### 1.3 Os processos de construção do enunciado

Os fatos empíricos observados pela TOPE são os enunciados, entendidos como formas materiais, constituídos por um conjunto de marcadores. É através desses marcadores que o linguista irá buscar sua estrutura de base, pois nessa abordagem teórica, acredita-se que todos marcadores trazem consigo rastros de sua origem constitutiva. Assim,

O enunciado não é considerado como o resultado de um ato de linguagem individual, ancorado em um *hic et nunc* qualquer, por um enunciador qualquer. Deve ser entendido como uma organização de formas, a partir das quais os mecanismos enunciativos, que o constituem como tal, podem ser analisados, no quadro de um sistema representacional formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele é a marca. O termo operação se justifica pela hipótese de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído[...] (FRANCKEL, 2011, p. 44).

Em acordo com a acepção de Franckel (2011), quanto ao enunciado não corresponder a um resultado obtido simplesmente a partir de um ato individual de linguagem, a TOPE define o enunciado sob dois aspectos: o teórico e o empírico. Vejamos:

O primeiro se pode definir como um arranjo de marcadores e, o segundo, como unidade empírica de observação constituída de materialidade. É esse duplo estatuto que viabiliza a articulação do domínio das observações com o domínio teórico, ou seja, do Nível 2 das representações linguísticas – com o Nível 3 – das representações metalinguísticas, possibilitando simular, assim, as representações do Nível 1 (PRIA, 2009, p. 39).

---

<sup>10</sup> [...] Sans stabilité, il n'y aurait pas d'ajustement régulier, pas de communication, quelle que soit la portée que l'on donne a ce terme, et l'interaction ne serait que une succession d'événements sans cohérence. [...] Mais la stabilité ne saurait être confondue avec la rigidité ou l'immuabilité. Les phénomènes linguistiques forment des systèmes dynamiques qui sont réguliers, mais avec une marge de variation due à des facteurs d'une grande diversité: on a affaire à des phénomènes qui sont à la fois stables et plastiques.

Os enunciados pertencem a uma família parafrástica. Esse conjunto de enunciados obtém-se a partir de manipulações feitas pelo linguista através de criação de “glosas” ou “paráfrases”. Assim,

[...] trata-se de criação de “glosas”, elaboradas por meio da atividade epilinguística do linguista, enquanto falante de uma língua, ou “paráfrases”, que já são resultado de uma atividade mais rígida (ou metalinguística) do linguista, enquanto conhecedor de regras formais de um modelo teórico (REZENDE, 2000, p. 64).

Para Culioli, o enunciado torna-se interpretável quando há a estabilização de um possível contexto. Franckel (2011, p. 23), por sua vez, acrescenta que “[...] uma dada sequência é interpretável apenas em relação a um contexto, mas ao mesmo tempo a sequência desencadeia tipos de contextualização com as quais ela é compatível”. O mesmo autor também ressalta que o contexto é desencadeado pelo enunciado e são indissociáveis um do outro.

Para a TOPE, a enunciação não é vista simplesmente como o ato de um sujeito proferir o enunciado em uma situação de enunciação. Segundo Culioli (1999b, p. 44, *grifos do autor*), “enunciar é construir um *espaço, orientar, determinar*, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação”<sup>11</sup>. Em outras palavras, todo enunciado é localizado em relação a uma situação e a um tempo de enunciação, bem como a um sujeito enunciador.

Na próxima seção, apresentaremos as operações constitutivas de um enunciado. A TOPE apresenta a construção dos enunciados a partir de três tipos de relação: relação primitiva, relação predicativa e relação enunciativa.

Procuramos descrevê-las em três momentos; todavia, ainda que tenhamos optado por tratá-las em separado, entendemos que a relação primitiva, relação predicativa e relação enunciativa não são módulos de um sistema em linha, isto é, cada uma dessas relações não é processada em sequência ou em etapas, elas se sobrepõem. A distinção entre as relações é teórica e visa ressaltar diferentes modos de acessar o enunciado, seja através das relações primitivas que o constituem, seja através das relações predicativas ou das enunciativas.

Vejamos cada uma delas nas subseções a seguir.

---

<sup>11</sup> No original: “Enoncre, c’est construire un *espace, orienter, déterminer*, établir un réseau de valeurs référentielles, bref, un système de repérage” (CULIOLI, 1999b, p. 44).

### 1.3.1 Relação primitiva e o esquema de léxis

A léxis e a relação primitiva caracterizam-se por marcarem o princípio do processo de constituição de um enunciado, trata-se de um momento inicial que conduzirá a passagem do extralinguístico para o linguístico.

Qualquer enunciado se origina de um modelo básico de predicação que inclui um relator e duas variáveis para argumentos. Silva (2007) explica:

A relação primitiva antecede o ato de enunciação e caracteriza-se pela seleção dos elementos que vão ser colocados em relação. Essa relação, chamada léxis, ocorre entre três elementos: dois argumentos (a/b) e um relator (R), que fazem a relação a R b. O esquema de léxis funciona, portanto, como um filtro lexical que, segundo as circunstâncias, permitirá ao sujeito enunciador selecionar três termos do léxico: <R, a, b> (2007, p. 37).

Segundo Culioli (1999a), esses termos são compatíveis com uma determinada ordem, mas não estão necessariamente ordenados nesse momento. É a partir do esquema de léxis, numa relação primitiva, que construiremos o predicado e os argumentos. Em “José cortou os legumes para a sopa”, há, entre José e legumes, uma relação orientada do “cortador” em direção ao “cortado”. Ela será realizada por meio de um relator, a noção de “cortar”. Há uma relação orientada que vai de um ponto de partida: “José”, em direção a um ponto de chegada: “legumes”, por meio da operação de “cortar”, que pode ser representada por (a ... r ... b), de onde, a – José (cortador) b – legumes (cortado) r – relator (o cortar). Ocorre uma orientação semântica que indica que a é a origem de R e b é o objetivo R. Essa orientação é determinada pela cultura, pela situação enunciativa, como também pelas propriedades semânticas das noções, como animado e inanimado, determinado e indeterminado, entre outros.

### 1.3.2 Relação predicativa

A relação predicativa, segundo momento do processo de construção do enunciado, tem por base a predicação. É nessa etapa que o enunciador vai ordenar os termos da *léxis*, estabelecendo uma relação predicativa entre os termos. Culioli define a relação predicativa como,

[...] um esquema, com uma instanciação de seus lugares, de tal maneira que isso nos dê, não um enunciado diretamente, mas um pacote de relações que nos fornecerá, em seguida, diferentes enunciados pertencendo a uma mesma família parafrástica (CULIOLI, 1976, p. 60-61).<sup>12</sup>

Conforme Culioli, a léxis gerará formas derivadas, isto é, uma família parafrástica de enunciados. Após o preenchimento dos três lugares da *léxis*, é possível que a predicação aconteça, pois a partir desse momento, o sujeito poderá relacionar o primeiro termo com o segundo através da noção relacional ( $\pi$ ), que é preenchido por uma noção de predicado. Os lugares  $\xi_0$ ,  $\xi_1$ , serão preenchidos por noção de argumento, que está relacionado à noção de tipo nominal ou proposicional. Sendo que  $\xi_0$  é considerado o ponto de partida e  $\xi_1$  é considerado o ponto de chegada ou objetivo. Assim, em

*Maria comprou uma casa*

Podemos dizer que a léxis é representada por  $\lambda$  < Maria, comprar, casa>. Nessa relação primitiva, os argumentos nominais  $\xi_0$ ,  $\xi_1$  são representados por <Maria, casa> e a noção de predicado pela marca *comprar*. Por outro lado, em *Maria comprou uma casa grande*, tem-se uma léxis assim construída: < Maria comprar (casa ser grande)>, em que há um argumento nominal representado pelo termo *Maria* e uma noção de predicado  $\pi$  representada pelo verbo *comprar* e um argumento proposicional  $\xi_1$  constituído pelas marcas *casa ser grande*.

Desse modo, a léxis < Maria, comprar, casa> poderá originar enunciados, como:

- (a) Maria comprou uma casa;
- b) A casa foi comprada por Maria;
- c) Maria comprou uma casa grande

Neste caso, observamos que, nos três enunciados, “Maria” é o termo origem da relação primitiva: em (a), o termo de partida é representado por Maria, enquanto que, em (b), por “uma casa”. Esse termo que servirá de ponto de partida não é uma escolha aleatória, ele se dá com base nas operações de ordenação dos termos na Relação Predicativa.

---

<sup>12</sup> No original: [...] un schéma, avec une instanciation des places du schema de telle manière que cela nous donne, no pas un énoncé directement mais un paquet de relations tel que cela donne ensuite différents énoncés appartenant à une même famille paraphrastique (CULIOLI, 1976, p. 60-61).

A partir da escolha de um determinado ponto de partida, ocorrerá a relação de localização (repère), pois agora há um termo que é referência para o restante da relação que será construída no enunciado. Na localização desse termo de referência, identifica-se o melhor termo para uma situação específica de enunciação por meio da diferenciação baseada na alteridade: “algo é”, considerando o que “não é”. O que remete de antemão a três relações: “identificação”, “diferenciação” e “determinação”.

A determinação acontece a partir da escolha do termo de origem, que vai servir de delimitador, como já vimos, para o resto da relação construída. Tomemos o exemplo acima: “Maria comprou uma casa”; “Maria” é o elemento delimitador e “casa” é o elemento delimitado. A identificação é uma consequência da determinação, na medida que ao se delimitar determinado elemento, também é identificado entre outros. Assim, o sujeito enunciador distinguirá esse termo das demais ocorrências o que implica também uma atividade de diferenciação. Apropriemo-nos do mesmo enunciado: “Maria comprou uma casa”; o objeto que “Maria comprou” e que o enunciador reconhece possui propriedades referenciais estáveis que permitem identificá-la como uma “casa”, diferenciando-a, por exemplo, de um carro, que representa um possível “outro”. Após a organização dos termos que constituirão o enunciado, temos a terceira etapa de construção do enunciado: a relação enunciativa.

### 1.3.3 Relação enunciativa

É na relação enunciativa, terceiro momento do processo de construção do enunciado, que ocorre a organização dos domínios nocionais e são atribuídos valores referenciais às unidades linguísticas em relação a um determinado esquema de predicação. O enunciado toma corpo por meio das operações de determinação e de aplicação das categorias de tempo, aspecto e das modalidades.

A operação que localiza uma léxis ( $\lambda$ ) em relação a uma Sit (Situação enunciativa) é representada da seguinte forma  $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$ . O sistema de coordenadas enunciativas que localizam uma léxis inclui, como explica PRIA (2009),

[...] um localizador-origem da situação de enunciação, representado por Sit0, um localizador do evento enunciativo, representado por Sit1, e um localizador do evento ao qual se refere o enunciado, representado por Sit1. Cada localizador compreende dois parâmetros: um sujeito enunciador, locutor, representado por S, e localizadores espaço-temporais da origem enunciativa, do ato de locução e do evento ao qual se refere. Esse conjunto de localizadores

é representado por T (CULIOLI, 1990, p. 80; CULIOLI, 1999a, p. 105). (2009, p. 46).

Culioli (1999a, 1999b) elabora a seguinte notação formal para representar o conjunto de localizações em cascata que aqui se apresentou:

$$\langle \lambda \in \langle \text{Sit2} (S2, T2) \in \text{Sit1} (S1, T1) \in \text{Sit0} (S0, T0) \rangle \rangle$$

Para sintetizar as três relações que constituem os enunciados na TOPE, teríamos:

- Léxis (relação primitiva):  $\langle \text{Maria} - \text{comprar} - \text{casa} \rangle (\langle \varepsilon_0, \varepsilon_1, \pi \rangle)$

Em que a léxis pode se organizar de diferentes maneiras:

$$\langle \text{Maria} - \text{comprar} - \text{casa} \rangle (\langle \varepsilon_0, \pi, \varepsilon_1 \rangle) \quad \langle \text{casa} - \text{comprar} - \text{Maria} \rangle (\langle \varepsilon_1, \pi, \varepsilon_0 \rangle)$$

Determinada a localização das noções, estas são aplicadas às marcas modais de tempo e de aspecto, elevando a relação predicativa ao estatuto de enunciados como em:

- a) Maria comprou a casa.
- b) A casa foi comprada por Maria.
- c) Maria não comprou a casa.
- d) A casa não foi comprada por Maria porque não era grande o bastante.
- e) Maria não comprou a casa porque era pequena.

#### 1.4 A noção e o domínio nocional

Culioli (1990, p. 69) definiu a noção como “um sistema complexo de representações constituído a partir de propriedades físico-culturais”<sup>13</sup>. Faz parte desse sistema complexo, representações obtidas através das experiências que temos em nossa infância, com o mundo, com os objetos e com a cultura em que nos inserimos. A noção define-se à medida que permite a criação de um domínio de referência, de um domínio nocional (conjunto de virtualidades). Vejamos um exemplo: Quando alguém diz “gato”, mesmo antes desse termo ser usado, temos

<sup>13</sup> No original: [...] complex bundle of structured physico-cultural. (CULIOLI, p. 69).

uma imagem mental, afetada tanto pela afetividade quanto pela atividade cognitiva, que nos permite apreender que gato tem garras, já que ele nos arranha, por exemplo. Esse feixe de propriedades Culioli chamou de noção.

Durante o processo de enunciação, os sujeitos enunciadores colocam em atividade um conjunto de operações de determinação, de ajustamentos intersubjetivos, modulações, a fim de produzir e reconhecer os enunciados. Em resumo,

[...] de um lado, uma noção envolve um leque de propriedades culturais (tidas como estáveis) ligadas ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada um. De outro, marcas modalizadoras que as envolvem com o intuito de assegurar uma complementação desejada e muitas vezes não disponível culturalmente, ajustes intersubjetivos entre o tido como estável e o deformável. A noção define-se à medida que permite a criação de um domínio de referência, um domínio nocional (conjunto de virtualidades), e é operatória à medida que os constituintes desse domínio organizam-se uns em relação aos outros em função de fatores físicos, culturais, antropológicos, etc. (AGUILAR, 2007, p. 59).

A noção é resultado, portanto, de um trabalho que o sujeito faz no intuito de dar forma a uma representação mental, que se dá através da oralidade ou escrita de uma língua. Rezende (2009, p. 20) diz que, “diferentemente do signo, que é estático, consensual, social, ela resulta de um esforço de medida que o sujeito faz entre o que está construído ou que ele supõe construído e estável e a sua subjetividade”.

#### **1.4.1 Ocorrência**

É através da construção das ocorrências que se chega à materialização da noção. A ocorrência de uma noção pode ser contemplada sob dois pontos de vista: o fenomenológico e o linguístico (e metalinguístico). Assim,

[...] (enquanto que) no caso das ocorrências fenomenais, o linguista tem apenas uma palavra a dizer e não de maneira privilegiada, no caso das ocorrências linguísticas e metalinguísticas, ele deve oferecer os meios para tratar tudo o que se relaciona ao texto na sua materialidade constituída, o que

significa dizer que, nesse ponto, intervêm as operações localizáveis de construção (CULIOLI, 1990, p. 57).<sup>14</sup>

Do ponto de vista fenomenológico, as ocorrências dizem respeito à forma como apreendemos a existência de objetos com os quais entramos em contato desde a infância, culturalmente. Podemos pensar na ocorrência /bicicleta/, por exemplo, em que lhe são associadas determinadas propriedades diferentes de /carro / ou /moto/.

Do ponto de vista linguístico, as ocorrências constituem a materialização da noção. O domínio nocional é construído, justamente, pelas ocorrências de uma noção.

#### **1.4.2 Centro organizador da noção: tipo, atrator, fronteira**

A determinação de uma ocorrência passa, precipuamente, pelo que Culioli chama de centro atrator ou centro organizador. Para o autor, “não existe representação, de qualquer ordem que seja, sem que ela se coloque relativamente a um polo de referência. [...] Esse polo de referência é a própria condição da regulação intersubjetiva” (CULIOLI, 1999b, p. 11).<sup>15</sup> Culioli estabelece para o centro organizador dois modos de organização: o tipo e o atrator.

Segundo Franckel e Paillard (2011, p. 93), o tipo possibilita “identificar uma ocorrência como exemplar da noção”. Teremos o tipo atuando na

[...] organização da fragmentação da noção construindo uma “ocorrência representativa” ou privilegiada. Essa fragmentação é decorrente da localização das ocorrências em uma situação de enunciação. Assim, as ocorrências são representações da noção e, ao mesmo tempo, exibem uma dispersão, assumindo propriedades que lhe são próprias em uma situação de enunciação (PRIA, 2009, p. 60).

Já o atrator, de acordo com Franckel e Paillard (2011, p. 93), “permite determinar em qual medida uma ocorrência tem a ver com a noção”; ele nos fornece o alto grau (o verdadeiramente P). Como diz Culioli (1999b):

<sup>14</sup> Ainsi, si dans l'ecas des occurrences phénoménales, le linguiste n'a qu'un mot à dire et pas de manière privilégiée, dans les cas des occurrences linguistiques et métalinguistiques, il doit donner les moyens de traiter tout ce qui se rapport à du texte dans sa matérialité constituée, c'est-à-dire là où interviennent les opérations de construction repérables. (CULIOLI, 1990, p. 57).

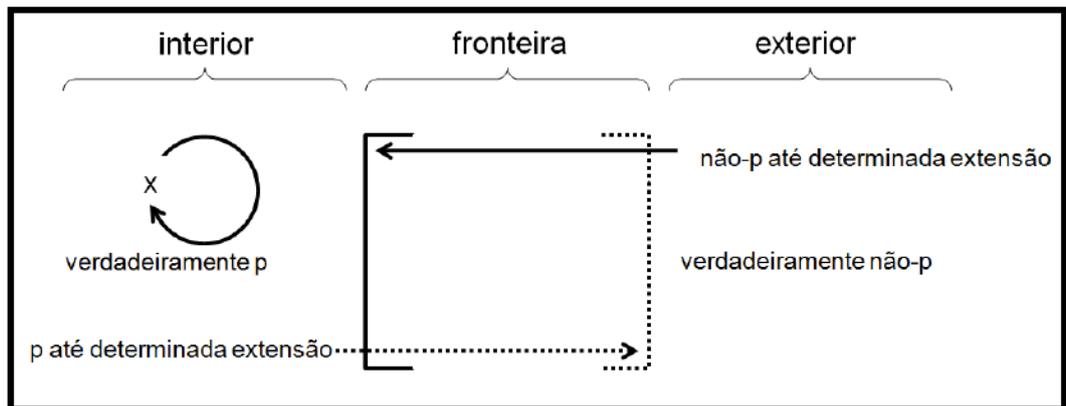
<sup>15</sup> No original: [...] n'existe pas de représentation de quelque ordre que ce soit sans qu'elle ne se pose relativement à un pôle de référence. [...] Ce pôle de référence est la condition même de la régulation intersubjective. (CULIOLI, 1999b, p.11)

[...] o atrator introduz o contínuo, a orientação em direção ao centro ou ao exterior, em resumo propriedades topológicas, que tornam o sistema plástico e dinâmico, tudo permitindo a estabilização intersubjetiva (CULIOLI, 1999b, p. 127).<sup>16</sup>

### 1.4.3 Domínio nocional

O domínio nocional é o espaço que comporta todas as ocorrências de uma noção. Enquanto espaço, possui três regiões, as quais são: interior, fronteira e exterior. Vejamos uma esquematização desse espaço topológico.

**Figura 1:** Esquematização do conceito de domínio nocional



**Fonte:** Culioli (1990, p.71), traduzido por Pria (2009, p. 57).

Para Culioli (1990), o interior do domínio nocional diz respeito a um espaço aberto que remete a um processo de identificação. As ocorrências que apresentam propriedades em comum com o centro organizador são definidas como pertencentes ao *Interior* do domínio nocional e terão a propriedade  $P$  ( $P$  é verdadeiramente  $P$ ). Observemos os exemplos dessa região do domínio nocional:

- (1) Isso que é um gato;
- (2) Um gato é sempre um gato mesmo;
- (3) Um verdadeiro gato;

<sup>16</sup> No original: l'attracteur introduit le continu, l'orientation vers le centre ou vers l'extérieur, bref des propriétés topologiques, qui rendent le système plastique et dynamique, tout en permettant la stabilisation intersubjective (CULIOLI, 1999b, p. 127).

(4) Um gato gato.

Enquanto o exterior fornece, conforme o caso, o vazio, a ausência. Ou seja, verdadeiramente não- $p'$ , totalmente diferente de  $p'$ , não tendo nenhuma propriedade em comum com  $p'$ . Averiguemos os exemplos adiante:

(5) Isso é totalmente diferente de um gato;

(6) Isso não é um gato;

(7) Isso não tem nada a ver com um gato.

Ainda temos a fronteira, que compreende valores que não pertencem nem ao interior, nem ao exterior, mas que irão se constituir seja a partir de um, seja a partir do outro. Segundo Culioli (1990), a fronteira contém “a propriedade ‘ $p'$ ’, no entanto essa propriedade possui alguma alteração, que resulta em algo que não seja mais totalmente ‘ $p'$ ’, mas que não seja também totalmente exterior, que ainda guarde alguns traços específicos da propriedade atribuída. Vejamos o exemplo:

(8) Isso não é bem um gato.

### 1.5 Sistema de orientação: a Localização e a Determinação

Segundo Franckel e Paillard (2011, p. 91), “todo termo (no sentido mais amplo: sequência, frase, unidade lexical, etc.) encontra-se colocado em uma relação com um outro termo, previamente “dado”, e que tem por consequência, nessa relação sempre assimétrica, o estatuto de termo orientador [repère]”. O operador  $\underline{e}$  pode tomar valores de base: de “identificação”, por exemplo,  $\mathbf{a} \underline{e} \mathbf{a}$ ; de “determinação”, em que se determina um termo  $\mathbf{a}$  em relação a um termo  $\mathbf{b}$ , por exemplo,  $\mathbf{a} \underline{e} \mathbf{b}$ . Culioli descreve todo esse processo da seguinte maneira:

[...] Se existe entre o termo da esquerda e o termo da direita uma relação composta, de identificação (parcial) e de determinação (como: *este livro é um dicionário*: (1) identificação entre *este livro* e *um dicionário* (2) determinação,

*livro é determinado em relação à classe Dicionário, ou a classe Dicionário contém este livro (1999b, p. 45, grifos do autor).*<sup>17</sup>

A questão da alteridade é de suma importância para a Teoria das Operações Enunciativas. O operador  $\underline{e}$  coloca os termos envolvidos na construção de um enunciado,  $a$  e  $b$ , em relação de alteridade,  $a \underline{e} b$ ,  $a$  é determinado por  $b$ . Ressalta-se que não existe relação direta entre termo delimitador e termo delimitado. É no momento da operação de determinação que as propriedades de  $a$  e de  $b$  são colocadas em jogo. A alteridade manifesta-se tanto entre a classe dos delimitáveis como dos delimitadores. Por exemplo, “A mãe está na cozinha preparando o almoço”, “mãe” e “cozinha” têm propriedades que tendem a estabelecer “cozinha” como delimitador antes que o contrário. No entanto, “cozinha” não é um delimitador em si, não é um valor “dado” de antemão, estabeleceu-se como delimitador a partir da relação com os termos envolvidos. Porém, em outro exemplo, como: “A casa tem uma cozinha bastante aconchegante”, a relação muda, pois agora “cozinha” passa a ser o delimitado.

A construção da referência tem como base a operação de determinação. Em resumo, quando um termo  $a$  (ou  $x$ , como coloca Culioli) é delimitado em relação a um termo  $b$  (ou  $y$ ), a operação fornece a  $a$  (ou  $x$ ) um valor referencial (determinação de uma propriedade), um valor adquirido a partir dessa relação entre as unidades no enunciado (CULIOLI, 1999a). Isto é,

[...] o conceito de localização está ligado ao conceito de localização relativa e ao conceito de determinação. Dizer que  $x$  está determinado em relação a  $y$  significa que  $x$  está localizado (no sentido estrito do termo), situado em relação a  $y$ , que este último, que serve de delimitador (ponto de referência), seja ele mesmo delimitado em relação a um outro delimitador, ou a um delimitador origem ou que seja ele mesmo origem. (CULIOLI, 1999a, p. 97, grifos do autor)<sup>18</sup>.

Para Culioli (1999b), a determinação não diz respeito a classificação das unidades linguísticas, mas, sim, ao conjunto de operações elementares como a quantificação, a qualificação, a extração, a flechagem e a varredura.

<sup>17</sup> S’il existe entre le terme à gauche et le terme à droite une relation composée, d’identification (partielle) et de localisation (ainsi: ce livre est un dictionnaire: (1) identification entre ce livre et un dictionnaire (2) localisation, livre est repéré par rapport à la classe Dictionnaire, ou la classe Dictionnaire comprend ce livre. (CULIOLI, 1999b, p. 45, grifos do autor).

<sup>18</sup> No original: [...] Le concept repérage est lié au concept de localisation relative et à celui de détermination. Dire que  $x$  est repéré par rapport à  $y$  signifie que  $x$  est localisé (au sens abstrait du terme), situé par rapport à  $y$ , que ce dernier, qui sert de repère (point de référence) soit lui-même repéré par rapport à un autre repère origine ou qu’il soit lui-même origine.

### 1.5.1 A quantificação (Qnt) e a qualificação (Qlt)

Toda noção supõe um trabalho ligado à determinação. Dessa forma, opera-se sobre quantificação (Qnt) e qualificação (Qlt).

A quantificação que a teoria se detém não é de crivo lógico, diz respeito à “operação pela qual se constrói a representação de alguma coisa que se pode distinguir e situar em um espaço de referência”.<sup>19</sup> (CULIOLI, 1999b, p. 82). Por meio da quantificação consegue-se efetuar operações consideradas essenciais por Culioli, entre elas, a quantifiabilização (ou fragmentação). Pria (2009) explica que:

A fragmentação da noção passa por uma operação abstrata de individualização que conduz (i) a passagem de uma qualidade indivisível a uma qualidade fragmentada; e (ii) a construção de ocorrências quantitativa e/ou qualitativamente diferenciadas. A construção da existência de uma ocorrência atua sobre uma noção fragmentada, situando-a no espaço-tempo enunciativo que um sujeito enunciador tenha construído em relação a um co-enunciador. (2009, p. 65).

Segundo Culioli (1999b), é através da extração, da flechagem e da varredura que a operação de quantificação se manifesta.

Através da extração, o sujeito extrai, de um conjunto de ocorrências abstratas da noção que formam o domínio nocional, uma ocorrência particular da noção. Desse modo, p(1) será um exemplar de P. A extração marca a existência dessa ocorrência em relação a uma situação enunciativa (extensão da noção). Tomemos como exemplo a seguinte situação discursiva: dois sujeitos estão em um restaurante, quando um diz: (1) *Este suco está muito doce!* Nesse enunciado, o sujeito extrai da noção /suco/ uma das inúmeras ocorrências que constituem a noção de /suco/, por meio da inserção dos marcadores *esse* e *suco*. Costumam marcar a operação de extração os artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*), numerais (*um, dois, três*), pronomes indefinidos entre outros.

Já a operação de flechagem consiste em uma retomada por identificação de uma ocorrência anterior de determinada noção com uma ocorrência posterior; ambas remetem às mesmas propriedades ou ao mesmo predicado. Trata-se, agora, de uma ocorrência já enunciada

---

<sup>19</sup> No original: “l’opération par laquelle on construit la représentation d’un quelque chose que l’on peut distinguer et situer dans un espace de référence” (CULIOLI, 1999b, p. 82).

pelo enunciador. Nesses casos, as duas ocorrências da noção possuem as mesmas propriedades, ambas as ocorrências remetem a P. A operação de flechagem é uma dupla operação de identificação, na qual a ocorrência p(2) identifica-se com p(1), identificada com relação a P. Usemos como exemplo a mesma situação discursiva citada acima, na qual um sujeito (S1) diz: *Este suco está muito doce!* Outro sujeito (S2) dirige-se ao balcão e quando retorna à mesa, diz: (2) *O suco que estava muito doce acabou!* Podemos observar que o que ocorre é a construção de uma segunda ocorrência de P por meio de uma operação de flechagem, na qual a segunda ocorrência de /suco/ é idêntica à ocorrência extraída, encontra-se identificada em relação à primeira ocorrência por meio da inserção dos marcadores *o* e *suco*.

A operação de varredura se observa quando todas as ocorrências abstratas de um domínio nocional são percorridas sem que nenhuma noção seja extraída ou identificada com relação umas às outras. Desse modo, vejamos: (3) *Todo suco é muito doce!*, passamos por todas as possibilidades da noção /suco/ para, finalmente, enunciarmos que todo e qualquer suco, dentre todos os suco que existem, são doces. No exemplo 3, a ocorrência identifica-se apenas com relação a P.

No caso da Qualificação, Culioli (1999b, p. 83-84) diz que ela “[...] entra em jogo cada vez que se efetua uma operação de identificação/ diferenciação sobre algo”.<sup>20</sup> Essa operação qualifica a noção já quantificada, já instanciada, já situada em um espaço/tempo. No entanto, o linguista deixa claro que não se trata apenas de se acrescentar um qualificativo.

Nesse sentido, Zavaglia (2016, p. 112) nos alerta sobre a existência de dois níveis de Qlt, um anterior à quantificação e um posterior. No nível anterior à Qnt, efetua-se uma operação de identificação/diferenciação sobre a noção não saturada. Nesse ponto, a noção ainda é uma representação mental, ainda não foi localizada em relação a um determinado ponto no espaço/tempo. Após a instanciação da noção pelo sujeito, a noção é apreendida no nível textual, ou seja, é quantificada. No nível posterior à Qnt, ocorrerá uma segunda operação de identificação/diferenciação. Essa operação qualifica a noção já quantificada, já instanciada, já situada em um espaço/tempo. Qualificar é, portanto, “[...] pôr em movimento um encadeamento complexo de operações, e não se contentar em acrescentar um qualificativo” (AGUILAR, 2007, p. 70).

---

<sup>20</sup> [...] entre en jeu chaque fois que l'on effectue une opération d'identification/différenciation portant sur un quelque chose (CULIOLI, 1999b, p. 83-84).

## 1.6 A modalidade e o aspecto

A modalidade e o aspecto estão entre as categorias gramaticais que fundamentam a teoria culioliana. Conforme ressalta Fuchs (1984, p. 80-81), “é impossível falar sobre produzir ou reconhecer um enunciado sem modular, e a ausência de modulação seria ainda uma modulação”. Culioli (1985) distingue quatro tipos de modalidade, que são:

- Modalidade 1: as de asserção (afirmação ou negação), de interrogação e de ênfase. Elas são primordiais por marcarem uma tematização em relação ao nível predicativo. As de asserção marcam que o conteúdo da relação predicativa pode ser validado como verdadeiro ou falso, positivo ou negativo, sim ou não. Quanto à modalidade interrogativa, ela marca o não compromisso do enunciador em relação ao texto enunciado, nem como algo verdadeiro, nem como algo falso.
- Modalidade 2: É o domínio do possível, do eventual, do provável, do hipotético. “Essa modalidade marca a incerteza do enunciador” (PRIA, 2009, p.69).
- Modalidade 3: dimensão apreciativa ou afetiva, em que se percebe impressões pessoais do sujeito enunciador, como julgamentos favoráveis ou desfavoráveis aos fatos.
- Modalidade 4: injunção, a enunciação é centrada nos interlocutores sendo estabelecida por meio da permissão, do querer e do deôntico.

Diante do que foi exposto, é preciso considerar as situações enunciativas para que se possa identificar os valores modais presentes no enunciado, pois esse pode apresentar mais de um tipo de operação de modalidade.

O conceito de aspecto, por sua vez, para a perspectiva culioliana, resulta da articulação de diversos domínios; é por meio dessa categoria que “o linguista pode estabelecer uma correspondência entre uma noção gramatical (a ser definida) e um jogo de marcadores (específicos a uma língua dada)”<sup>21</sup> (CULIOLI, 1999a, p. 145).

Enquanto categoria, o aspecto recobre problemas em diversas dimensões, tais como “a diátese, quantificação e qualificação, modalidade, topologia do tempo e a referenciação em relação a um ponto de referência”<sup>22</sup> (CULIOLI, 1999a, p. 147-158).

---

<sup>21</sup> No original: “le linguiste pose une correspondance entre une notion grammaticale (terme à définir) et un jeu de marqueurs (spécifiques à une langue donnée) (CULIOLI, 1999a, p. 145).

<sup>22</sup> No original: le diathèse, quantification, qualification, modalité, topologie sur le temps, opération de repérage par rapport à um localisateur au sens abstrat du terme.

Nessa direção, Culioli (1978 *apud* VIGNAUX, 1995, p. 580) diz que:

[...] o jogo dos valores aspectuais vai, de um lado, se situar no plano do que é construído, quer dizer, daquilo que é predicado no enunciado, marcando, assim, fronteiras, e por outro lado, de algum modo, projetar esse espaço sobre um eixo, localizando-o na ordem temporal (tempo da enunciação, lugar do sujeito em relação ao que ele enuncia, coordenadas que fixam os instantes e amplitude do processo) com o fim de fixar o tipo de representação visada<sup>23</sup>.

Como podemos observar, as operações aspectuais estão relacionadas à forma como se desenrola no tempo um estado de coisas expresso no enunciado. Os valores aspectuais podem situar-se ora no plano do predicado (no enunciado que é construído), ora no tempo. Segundo Rezende (2000), as operações aspectuais executam modulações sobre conteúdos de pensamento colocados como referência do que é predicado no enunciado, localizando-os no tempo e no espaço. Para a autora,

[...] todo processo enunciativo manifesta o empreendimento de um sujeito, agindo sobre estados de pensamento. É preciso colocar um estado de pensamento em relação predicativa inicial, mas isso apenas para ter a oportunidade de afirmar, em seguida, através de um jogo de pistas referenciais estratégicas, a singularidade de sua própria posição quanto a esse estado de pensamento, colocado em estado inicial (REZENDE, 2000, p. 106).

Passemos a dissertar sobre a paráfrase e a glosa, recursos bastantes importantes na TOPE.

## 1.7 A Paráfrase e a Glosa

Distanciamo-nos do pensamento clássico, que entende a paráfrase como o falar ou escrever a mesma coisa de maneiras diferentes, pois na perspectiva teórica culioliana “a cada forma de expressão, uma experiência psicossociológica diferenciada” (REZENDE, 2010, p.22).

---

<sup>23</sup> No original: “Le jeu des valeurs aspectuelles va d’un côté, se situer au plan de ce qui est construit à savoir prédique dans l’énoncé, marquant ainsi des frontières, et de l’autre, em quelque sorte projeter cet espace sur un axe le repérant dans l’ordre du temporel (temps de l’énonciation, place du sujet par à ce qu’il énonce, coordonnées fixant les temps et portée du processus) aux fins de fixer le type de représentation visée”. (CULIOLI 1978 *apud* VIGNAUX, 1995, p. 580).

Para a TOPE, não temos sequências linguísticas idênticas, o máximo que podemos conseguir é que sejam equivalentes, pois as formas linguísticas não possuem sentido por si próprias, isoladas de uma sequência interpretável, o enunciado.

Já a Glosa funciona como uma espécie de tentativa que o sujeito faz de representar, metalinguisticamente, um saber inconsciente com menor rigidez formal do que aquele evocado pela paráfrase. Segundo Culioli (1999a, p.74), a glosa trata-se de “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente”<sup>24</sup>.

Em resumo, a *paráfrase* refere-se a uma atividade regulada, controlada pelo analista. Já a *glosa* refere-se à prática de linguagem do sujeito enunciadador (CULIOLI, 1999a). Tanto a Glosa como a Paráfrase são mecanismos básicos teorizados sobre a linguagem. Para Franckel (2011, p.103), a paráfrase “trata-se de uma atividade metalinguística, específica da linguagem humana, que apreende o sentido apenas quando o faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos”. Isso significa que, é através da paráfrase que o linguista tentará simular as glosas, esse trabalho o levará a observar os movimentos da linguagem que se apresentam na superfície dos enunciados.

Assim, é a partir da formulação de glosas que vamos investigar a construção da significação nas orações comparativas. Elas nos permitem observar os desdobramentos de significação das unidades linguísticas *MAIS DO QUE* em seus diferentes papéis. Ou seja, nos possibilitam observar o percurso para se chegar ao valor semântico que esses termos estabilizam nos enunciados.

---

<sup>24</sup> No original: “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (Culioli, 1999a, p.74).

## 2 A COMPARAÇÃO

Nesta seção, apresentamos o que é a comparação segundo a visão Lógico-Gramatical, visto que nosso objeto de análise *MAIS DO QUE* é encontrado, preferencialmente, em enunciados denominados pela Tradição Lógica como enunciados comparativos. Queremos demonstrar como essa perspectiva teórica trata esses enunciados em que o valor da “comparação” está dado, cabendo à língua dispor da morfossintaxe que melhor expresse esse valor.

Inicialmente, achamos importante ressaltar as definições de comparar e comparação. No dicionário Aurélio (2004, p. 507):

Comparar: transitivo direto. 1 estabelecer confronto entre; cotejar, confrontar. Ex.< comparou o feitio de cada um dos filhos, e notou serem muito divergentes>. Verbo transitivo direto e indireto. 2 estabelecer confronto entre pessoas, animais, ou coisas <não falta quem compare os poetas com os navegantes>. 3 examinar simultaneamente, a fim de conhecer as semelhanças, as diferenças ou relações. 4 cotejar. 5. Por em igual nível, considerar como igual ou semelhante; igualar, equiparar.

Comparação: 1 ato ou efeito de comparar, confrontação, confronto, cotejo.

### 2.1 Conceito Lógico-Gramatical e regras de formação

A perspectiva Lógico-Gramatical, pautada em classificações morfológicas, defende que, para expressar as variações de intensidade, o adjetivo apresenta-se em dois graus: comparativo e superlativo. Para evidenciar de forma mais clara esse posicionamento e discutir sobre o tema, podemos citar Bechara (2009), Rocha Lima (2001) e Cunha & Cintra (2007).

Bechara (2009) destaca que há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: positivo, comparativo e superlativo, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. O positivo enuncia simplesmente a qualidade; o comparativo compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo uma igualdade, uma

superioridade e uma inferioridade; o superlativo pode ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres, como também indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade. Com base nessa perspectiva, observe a tabela com as regras gerais de formação do comparativo:

**Figura 2:** Regras Gerais

Positivo	Comparativo	Superlativo
Cuidadoso	<p><b>Mais</b> cuidadoso <b>que/ mais</b> inteligente <b>do</b> <b>que</b> (superioridade)</p> <p><b>Tão</b> cuidadoso <b>como</b> [ou <b>quanto</b>] (igualdade)</p> <p><b>Menos</b> cuidadoso <b>que/ do que</b> (inferioridade)</p>	<p>O <b>mais</b> cuidadoso <b>dos</b> [ou <b>dentre os</b>]</p> <p>O <b>menos</b> cuidadoso <b>dos</b></p> <p>Cuidadosíssimo</p> <p><b>Muito</b> cuidadoso</p>

Fonte: Bechara (2009, p. 268-269)

Segundo Rocha Lima (2001), a significação de um adjetivo pode receber intensidade maior, ou menor. Daí a existência de dois graus: o comparativo e o superlativo. O autor resalta que, quando fazemos uma comparação, chegamos infalivelmente a um destes resultados: a qualidade que se compara é superior, inferior ou igual à que serve de termo de comparação. Ele

enumera três espécies de comparativo, de superioridade (mais...que, ou do que); de inferioridade (menos...que, ou do que); de igualdade (tão... como, ou quanto).

Para Cunha & Cintra (2007), em harmonia com os gramáticos anteriormente citados, a gradação pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos, dois são os graus dos adjetivos: o comparativo e o superlativo. Para eles, uma comparação pode expressar igualdade, superioridade ou inferioridade. Isso quer dizer que uma comparação pode afirmar que um ser possui uma determinada qualidade no mesmo grau – igualdade, ou em graus diferentes – superioridade ou inferioridade, como também que, em um mesmo ser, determinada qualidade é superior, igual ou inferior a outra que possui. Já o superlativo pode denotar que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (superlativo absoluto), ou ainda, que em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (superlativo relativo).

Com base nessa perspectiva, os autores descrevem que a formação morfossintática do grau comparativo de superioridade numa língua particular, nesse caso o português, se expressa antepondo-se o advérbio **mais** e pospondo-se a conjunção **que** ou **do que** ao adjetivo:

Pedro é **mais** idoso **do que** Carlos.

João é **mais** nervoso **que** desatento.

Já a igualdade se expressa antepondo-se o advérbio **tão** e pospondo-se a conjunção **como** ou **quanto** ao adjetivo:

Carlos é **tão** jovem **como** Álvaro.

José é **tão** nervoso **quanto** desatento.

Enquanto a de inferioridade se expressa antepondo-se o advérbio **menos** e pospondo-se a conjunção **que** ou **do que** ao adjetivo:

Paulo é **menos** idoso **que** Álvaro.

João é **menos** nervoso **do que** desatento.

A maneira com que Bechara, Lima e Cunha trataram da comparação mostra que os estudos baseados em gramáticas normativas, geralmente, descrevem fatos que nos levam a

pensar a linguagem como se ela fosse constituída de representações prontas, feitas sob medida para se ajustar à teoria.

A língua é tomada por si mesma, sem vínculo com os usos cotidianos, sem possibilidade de criação ou de rompimento com a norma que o sistema impõe, “não há o mínimo movimento que possibilite fissuras e o aparecimento do processo que colocará em evidência o modo pelo qual, desde sempre, foi construído o que está construído” (REZENDE, 2000, p.171). Não é possível, nessa perspectiva, flagrarmos os deslizos, as flutuações que a expressão *MAIS DO QUE* pode suscitar. Não se parte de uma articulação da atividade de linguagem com as línguas, como defendemos nesta dissertação, antes, as línguas são tomadas como processo acabado, um sistema fechado, um resultado que não comporta a instabilidade.

Não queremos, aqui, esgotar todas as possibilidades de formação do grau comparativo; queremos apenas mostrar que, para eles, a comparação é um valor “já dado” para as formas no português, formas essas que são tomadas como estáveis.

Como já foi mencionado, em grande parte das gramáticas normativas o conceito mais usual, resumidamente, é que o comparativo compara qualidade entre dois ou mais seres estabelecendo uma igualdade, uma superioridade e uma inferioridade. Destacamos um exemplo simples que se encaixa na definição de comparação. Vamos supor que dois seres, hipoteticamente nomeados de Pedro e Paulo, possuem a propriedade de <ser inteligente>, logo podemos compará-los, seguindo a definição acima, da seguinte forma:

*Pedro é mais inteligente do que Paulo;*

*Pedro é menos inteligente do que Paulo;*

*Pedro é tão inteligente quanto Paulo.*

Note-se que em todos os casos os dois (Pedro e Paulo) possuem a propriedade de “ser inteligente” sendo alterado apenas pela intensidade da gradação comparativa, numa determinação quantitativa. Dizer que os dois (Pedro e Paulo) possuem a propriedade de “ser inteligente” é o mesmo que dizer que “os dois (Pedro e Paulo) têm a propriedade de “ser inteligente”. Do ponto de vista da GT, presume-se que um dado ser tem uma dada qualidade, cabendo à língua expressar esse estado de coisas.

Vejam os enunciados a seguir:

1. Pedro é mais idoso do que Carlos.

## 2. João é mais nervoso que desatento.

A Tradição Lógico-Gramatical trata esses enunciados a partir da ideia de um valor “já dado” para as formas no português, as quais são tomadas como estáveis, contanto que sejam elas, por exemplo, *X está mais adjetivo*; quer dizer, as formas seriam veículos do valor dado que antecede as práticas dos sujeitos enunciadore. O problema é que esse “já dado” está fundamentado por uma dada experiência com o empírico (extralinguístico) e não por mecanismos formais da linguagem<sup>25</sup>. Daí resulta seu caráter informativo, também chamado de descritivo-

A Tradição Lógica descreve fatos que nos levam a pensar a linguagem como se ela fosse constituída de representações sempre estabilizadas na língua. Uma gramática, quando busca classificar, que é dizer quais sequências morfossintáticas de uma língua particular correspondem a quais valores “universais” previamente definido, não leva em consideração a existência de um processo dinâmico, mais flexível, ancorado na relação dos sujeitos com o empírico, que sustenta tais valores estáveis e outros tantos valores menos estáveis e perceptíveis. Pensar esses enunciados, e categorizá-los de antemão como enunciados comparativos, é considerar que, de princípio, seriam sempre a expressão de um dado valor, em qualquer tempo e espaço e para qualquer sujeito que se considere.

Antes de prosseguirmos, importa ressaltar que, embora usemos o emprego do termo “orações comparativas” ou ainda “enunciados comparativos”, neste trabalho, tal escolha deve-se ao fato de estarmos lidando com termos assim classificados pela tradição de estudos gramaticais, e também por querermos estabelecer uma relação de diálogo entre esta dissertação e esses estudos gramaticais que fazem parte do dia a dia nas escolas.

Isto posto, notamos que Benveniste (1948) já chamava a atenção para o fato de algumas construções potencialmente comparativas não fazerem uso dessas estruturas tradicionais da gramática. Percebemos que mesmo sem essas estruturas que marcam a categoria, podemos identificar uma “comparação”. Vejamos os exemplos:

- Meu filho caçula não gosta de comer verduras, mas o mais velho come de tudo.

---

<sup>25</sup> Trata-se de mecanismos de representação, referenciação e regulação (CULIOLI, 1990, p. 177-213) que organizam a percepção do empírico (extralinguístico) através da diversidade das línguas.

- Ora, eu não gosto de literatura brasileira, mas minha namorada ama todo tipo de literatura.

Esses exemplos fazem-nos refletir que existem outras possibilidades de construções que podem levar ao resultado de “comparação”. No entanto, entendemos, por meio das nossas pesquisas e leituras, que há, sim, estruturas potencialmente mais produtivas, é o caso de (mais... que; menos... que; e tão... como/quanto) destacados pelas gramáticas tradicionais. Contudo, elas não são definitivas e absolutas. Vejamos os seguintes exemplos:

- Pedro é mais esforçado do que Paulo apenas quando quer ganhar um dinheiro do pai.

Observa-se que, nesse caso, a predicação “Pedro ser esforçado” enfraquece e a sequência morfossintática “X ser mais \_\_\_ do que Y”; esta deixa de ser tão adequada à expressão do valor “comparação” que lhe antecede, enquanto valor dado, na medida em que o determinismo segundo o qual o predicado “ser esforçado” sempre se aplica, em todo tempo e espaço, e para todo sujeito que se considere, ao argumento “Pedro”.

Ou ainda:

- Maria é mais rápida do que Ana, somente quando quer chegar na cantina da escola primeiro.

Percebe-se que, novamente, a predicação “Maria ser rápida” enfraquece o determinismo segundo o qual o predicado “ser rápida” sempre se aplica, em todo tempo e espaço, e para todo sujeito que se considere, ao argumento “Maria”, e a sequência morfossintática “X ser mais \_\_\_ do que Y” deixa de ser tão adequada à expressão do valor “comparação” que lhe antecede, enquanto valor dado.

CULIOLI (1999b) também analisa um exemplo, classificado pela GT como comparação, cite-se “X é maior do que Y é”<sup>26</sup>. Culioli explica que

Y tem um grau de magnitude, cuja dizemos que apenas (a) existe, (b) que, seja o que for (não está especificado de outra forma), o grau de magnitude de X

---

<sup>26</sup> No original “X est plus grand que ne l'est Y” (CULIOLI, 1999b, p. 73).

ultrapassa-o. Constatamos que a orientação de  $X \leftarrow Y$  está dirigida para o atrator, e que  $X \rightarrow Y$  está orientada para o Exterior. Em suma, qualquer que seja o grau de Y, não é o que X tem (está aquém dele). Y serve de referência (positiva), mas é X que é referido quando se diz que excede Y. Assim, a relação  $\langle Y \text{ é } () \text{ grand} \rangle$  muda para  $\langle Y \text{ não é grand (em relação a X)} \rangle$ . O "ne" marca este salto de  $\langle grand \rangle$  para  $\langle pas \text{ grand} \rangle$ .<sup>27</sup> (1999b, p. 73, tradução nossa).

Percebe-se, nas palavras de Culioli, que ao fim não houve uma identificação de “X” e “Y”, o “ne” marca a diferenciação de “Y”. Nesse exemplo, percebemos um dos principais pressupostos da teoria culioliana, a tese da indeterminação da linguagem, em que as unidades linguísticas são dotadas de um caráter operatório, podendo exercer diferentes papéis. Desse modo, nenhuma unidade linguística é dotada de significação fora do enunciado.

Em uma perspectiva operatória, que é a nossa, as relações entre os termos são construídas a partir de relações predicativas, pois a questão não é mais descrever as qualidades dos seres através de expressões de uma língua particular. A questão é observar como é que se atribui uma dada propriedade, um valor produto da experiência dos sujeitos com o empírico, a um dado termo, que é um objeto que, embora guarde relação com o empírico, estabiliza um valor que lhe é próprio.

Não partimos do “dado”, mas como esses sujeitos experienciam e relacionam as unidades linguística que fazem parte de um enunciado. Nesse sentido, a significação resulta de um trabalho de construção, de ajuste constante, de regulação entre homem, mundo e pensamento. Em outros termos, a atividade de linguagem, ao organizar a percepção do sujeito, estrutura tudo aquilo que o homem experiencia, enquanto realidade objetiva ou subjetiva. Logo, “tornam-se sempre subjetivadas enquanto realidades percebidas” (REZENDE, 2000, p. 180).

Passemos a alguns enunciados, do ponto de vista lógico-gramatical, a fim de demonstrarmos o modo como as unidades em relação no enunciado são compreendidas pela visão lógico-gramatical.

### **Enunciado 1:** Pedro é mais alto do que Paulo.

---

<sup>27</sup> No original : “Y possède un degré de grandeur, dont on dit seulement (a) qu'il existe, (b) que, quel qu'il soit (il n'est pas autrement spécifié), le degré de grandeur de X le surpasse. On constate que l'orientation X Y est dirigée vers l'attracteur, et que X Y est orienté vers l'extérieur. En résumé, quel que soit le degré de Y, il n'est pas celui que possède X (il est en-deçà). Y sert de repère (positif), mais c'est de X qu'on parle pour dire qu'il excède Y. Ainsi, la relation  $\langle Y \text{ est } () \text{ grand} \rangle$  passe à  $\langle Y \text{ n'est pas grand (par rapport à X)} \rangle$ . Ne marque ce saut de  $\langle grand \rangle$  à  $\langle pas \text{ grand} \rangle$ ” (CULIOLI, 1999b, p. 73).

Nesse enunciado, alto (Y) é uma propriedade de Pedro (X), mas que ao mesmo tempo também é uma propriedade de Paulo (Z). Esquemáticamente, X é mais Y que Z. Se Z (Paulo) não é possuidor de uma propriedade Y (ser alto), logo X (Pedro) não é Y (alto). Do ponto de vista lógico, para se veicular conteúdos não há necessidade de ajustamentos por parte dos enunciadores, visto que “alguma coisa” é aquilo que é, e não pode ser “outra coisa” diferente dela mesma. Como falamos anteriormente, as formas linguísticas são tomadas como estáveis, porque, de princípio, seriam sempre a expressão de um dado valor, em qualquer tempo e espaço e para qualquer sujeito que se considere.

**Enunciado 2:** *Maria é mais bonita que Joana*

Assim como no enunciado *Pedro é mais alto do que Paulo*, parte-se de uma ordenação das formas já privilegiada na língua. As formas já são investidas de significação. Ou seja, o sentido está “dado” antes de relacionarmos propriedades e sujeitos. Vejamos algumas paráfrases possíveis para o enunciado 2:

- 1.1 Maria é mais bonita que Joana, mas é mais feia que Cláudia
- 1.2 Claudia é mais bonita que Maria, por isso ela ganhou o concurso de beleza
- 1.3 Maria é mais feia que Cláudia
- 1.4 Joana é mais feia que Cláudia
- 1.5 Maria e Joana são feias, mas Cláudia é bonita

Em todas essas situações postas, podemos fazer o mesmo esquema X é mais Y que Z. Se Z não é possuidor de uma propriedade Y, logo X não é Y.

Isso se deve ao fato de que, para a Lógica, a linguagem é reflexo do pensamento, ela é transparente, por isso não há necessidade de ajustamento intersubjetivo. O que nos leva a refletir sobre qual seria, então, o papel do sujeito em todo o processo de construção de significação, ao relacionar as formas nos enunciados. O sujeito, na perspectiva lógica,

[...] se assemelha a um autômato, na construção de sentenças declarativas que possam ser avaliadas em termos de verdadeiro e falso quanto aos estados-de-coisas que descrevem. O trabalho do sujeito da lógica é axiomático, tomado por evidente, e calçado na instrumentação normativa do pensamento, sob a

justificativa da necessidade de se “disciplinar” o pensamento. Esse sujeito, por um lado, confunde-se com a realidade abstrata e dela se apaga; por outro lado, confunde-se com a realidade físico-cultural e dela também se apaga. É um sujeito que está em todo tempo-lugar e em tempo-lugar algum. Esse sujeito se converte em puro pensamento ou pura introspecção (solipsismo). Esse sujeito não precisa equilibrar representações interiorizadas com as representações dos outros sujeitos (PRIA, 2018, p. 136).

A perspectiva lógico-gramatical não se propõe a fazer uma análise que vise a explicitação do ajustamento intersubjetivo, nem mesmo observar a atividade de linguagem. A língua, na perspectiva lógica, é a expressão da análise da realidade, do pensamento, enquanto uma instância que organiza, através dos princípios lógicos, a realidade objetiva. A linguagem é a expressão de raciocínios lógicos do pensamento, ou seja, o sentido é o produto lógico do pensamento que as sequências expressam. O pensamento é tratado como uma realidade incorruptível, por isso capaz de “organizar” a realidade material, que é marcada pela variação.

Na TOPE, buscamos observar o momento anterior às estabilizações, teorizando operações de linguagem; logo, as formas linguísticas não são tomadas como um processo concluso e acabado, antes, buscamos apreender as marcas do enunciado, incluindo-se *MAIS DO QUE*, como resultado do processo de construção de representação.

Na próxima seção, distanciando-nos dessa perspectiva lógico-gramatical, analisaremos enunciados por um viés semântico-operatório. Por esse ponto de vista, a significação não se encontra pré-fabricada, mas construída por meio das línguas naturais, as quais fornecerão as marcas das operações que a constitui.

### 3. OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO: O PAPEL DA CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA MAIS DO *QUE*

Não há linguística sem observações profundamente detalhadas; não há observações sem teoria dos observáveis; não há observáveis sem problemática; não há problemática que não leva aos problemas; não há problemas sem busca de soluções; não há soluções sem raciocínio; não há raciocínio sem sistema de representação metalinguística; não há sistema de representação metalinguística sem operações, em particular sem categorização; não há categorização sem transcategorialidade (CULIOLI, 1999b, p. 66).

Nosso objetivo, nesta dissertação, é analisar enunciados, com ocorrências das formas linguísticas *MAIS DO QUE*, a fim de apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e o valor semântico que elas estabilizam.

Para isso, em nossas análises, nos valem da atividade de manipulação e reformulação dos enunciados, através da elaboração de glosas epilinguísticas, que nos permitem apreender o funcionamento dessas formas para a construção da predicação e, conseqüentemente, da significação. Nas palavras de Rezende,

O conceito de linguagem, enquanto atividade, enquanto trabalho, questiona a estabilidade das representações e, conseqüentemente, a existência de significações consensuais ou compartilhadas. Esses significados existem, sem dúvidas, mas o nosso posicionamento teórico procura saber como eles chegam a ser o que são (REZENDE, 2000, p.17).

Desse modo, partimos da hipótese de que é a experiência do sujeito que ancora a maneira como o sentido das unidades linguísticas são determinados no enunciado. O sentido, nessa abordagem teórica, é construído. A significação é construída pela linguagem.

A TOPE é um programa de trabalho de caráter teórico e metodológico. O material de análise do linguista culioliano é o enunciado. Assim, o trabalho do linguista culioliano é, de acordo com Rezende (2018, p. 188), “se apropriar dos espaços enunciativos e, sustentado pelos pressupostos teóricos, estudar os ajustamentos, a equilibração na intimidade de suas representações”.

Franckel (2011, p. 21) ressalta que, na medida em que o sentido das palavras e dos textos não é exterior à língua e ocultam ordem própria que “não é o decalque nem do pensamento e nem de um referente externo, o acesso ao sentido será possível através da atividade de paráfrase e de reformulação”. Desse ponto de vista, o enunciado pertence a uma família parafrástica, que pode ser obtida a partir de manipulações feitas pelo linguista através,

[...] de criação de “glosas”, elaboradas por meio da atividade epilinguística do linguista, enquanto falante de uma língua, ou “paráfrases”, que já são resultado de uma atividade mais rígida (ou metalinguística) do linguista, enquanto conhecedor de regras formais de um modelo teórico (REZENDE, 2000, p. 64).

As glosas, segundo Culioli, formam uma boa parte do nosso discurso cotidiano e tem um papel importante na desambiguação de enunciados. As *glosas* seriam “os textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente” (CULIOLI, 1999a, p.74)<sup>28</sup>.

### 3.1 A construção da predicação e da significação: uma análise

Na primeira seção, em que discorreremos sobre os princípios teóricos e operacionais da TOPE, mostramos que uma relação predicativa se organiza a partir de um termo de partida que servirá de ponto de referência aos outros termos em relação no enunciado. Os primeiros resultados dessa operação serão dois efeitos semânticos, a saber: a localização e a identificação. A localização acontece quando escolhemos um termo de origem, que vai servir de localizador (centro atrator) para os outros termos da relação construída. A partir da localização, obtém-se a identificação, pois é ela que vai ratificar a estabilidade do que é localizado. Em outras palavras:

A identificação decorre diretamente da localização. Ela é ao mesmo tempo uma triagem, e é também o que coloca e confirma a estabilidade do que é localizado. Localizar significa, de um lado, a necessidade de triar entre os objetos localizados ou localizáveis e, por outro lado, significa a própria possibilidade de poder fazer essa operação. Trata-se de uma atividade sobre

---

<sup>28</sup>No original: “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (Culioli, 1999a, p.74)

referências que implica uma atividade de diferenciação (REZENDE, 2000, p.101-102).

Rememoramos esses conceitos, pois são de suma importância para a compreensão do nosso objeto de análise, visto que trabalharemos com a figura do localizador abstrato, em um primeiro momento, para a determinação inicial da ocorrência da noção *MAIS DO QUE*, que terá papel preponderante na identificação ou diferenciação de uma ocorrência da noção.

Assim, assumimos os pressupostos da TOPE, descritos ao longo dessa dissertação, desenvolvemos a análise de *MAIS DO QUE* a partir de suas ocorrências em um *corpus* de língua portuguesa extraído da plataforma online **corpus do português**<sup>29</sup>. A partir dessas ocorrências, procedemos a manipulação dos enunciados de partida que resultou na formulação de glosas epilinguísticas relevantes aos objetivos da pesquisa. Constam do *corpus*:

**Enunciado 1:** De modo simplificado, dá para afirmar que Scott voltou para a Terra **MAIS VELHO DO QUE** seu irmão. Pelo menos com sintomas parecidos com os do envelhecimento: comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida.

**Enunciado 2:** O holandês Max Verstappen (Red Bull/Honda) conseguiu ser **MAIS RÁPIDO DO QUE** o alemão Sebastian Vettel (Ferrari) e intrometer-se entre os dois carros de Maranello, mas a diferença “abissal” (em termos de F1) não pode deixar de preocupar os responsáveis das duas equipas que parecem condenadas a lutar pelo derradeiro lugar do pódio, a menos que consigam “descobrir” algo que lhes permita sonhar com a vitória.

---

<sup>29</sup> Disponível em: < <https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 03. Ago. 2020.

**Enunciado 3:** Ricardo Silva é notoriamente **MAIS NOVO DO QUE** a jornalista, de 57 anos de idade. Estas fotografias surgem exatamente no momento em que Judite Sousa, em entrevista a uma publicação, assumiu já ter "andado com homens mais novos".

**Enunciado 4:** Eu me sinto **mais cearense do que paraense**, eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra que eu nasci.

Na sequência, trazemos a análise dos quatro enunciados. Vejamos:

### 3.1.1 Enunciado 1

De modo simplificado, dá para afirmar que Scott voltou para a Terra **mais velho do que** seu irmão. Pelo menos com sintomas parecidos com os do envelhecimento: comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida.

Nesse enunciado, trabalharemos com as seguintes léxis:

λ1 <alguém ser velho>

λ2 <alguém chamar alguém velho>

Com base nas léxis (1) e (2), elaboram-se as seguintes glosas:

1a) Suponhamos que um velho seja alguém que exhibe características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como

o espessamento da artéria carótida. Construímos, assim, uma relação adequada entre língua e mundo/experiência com o empírico, em que o nome “velho” recobre uma dada realidade.

1b) Suponhamos que um sujeito não exiba características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida. Seria inadequado recobrir essa realidade com o nome “velho”, porque um velho é alguém que exibe características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida.

1c) Suponhamos que um sujeito de quem se espera que não exiba características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida – exibe características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida. Podemos dizer que estamos diante de uma ocorrência de um sujeito “velho”?

O *QUE* marca uma imagem do enunciador sobre o coenunciador, produzindo uma estabilidade fictícia. Transformando-se a ocorrência da noção /irmão ser velho/ em localizador, que em um primeiro momento está estabilizado. Ou seja, será o termo que servirá de localizador para a determinação da ocorrência da noção /Scott ser velho/.

No momento da relação enunciativa, quando essa projeção (Scott velho) poderia ser validada, o termo *MAIS* reorienta o projeto de existência da representação inicial, isto é, marca junto a Scott uma diferenciação da noção tipo /alguém ser velho/. O sujeito vinha atribuindo a propriedade <ser velho> no tempo e no espaço, construindo /Scott velho/. No contexto encaixante de <Scott ser velho>, houve uma orientação inicial no sentido de ratificar uma projeção de igualdade em relação ao predicado estabilizado provisoriamente <irmão ser velho>.

Logo, na retomada enunciativa, quando localizamos <Scott ser velho> no espaço enunciativo de <irmão ser velho>, a implicação foi um não-Scott. Na retomada enunciativa, houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação de “Scott” com “irmão mais velho”. Em outras palavras, “Scott é mais velho”, implica em um não-Scott.

Em resumo, *MAIS DO QUE* participa na construção da não existência de “alguém que não é verdadeiramente velho”. Essas formas acionam uma operação de qualificação que resulta

na diferenciação qualitativa de Scott. Desse modo, estabiliza-se um valor no exterior do domínio.

### 3.1.2 Enunciado 2

O holandês Max Verstappen (Red Bull/Honda) conseguiu ser **MAIS RÁPIDO DO QUE** o alemão Sebastian Vettel (Ferrari) e intrometer-se entre os dois carros de Maranello, mas a diferença “abissal” (em termos de F1) não pode deixar de preocupar os responsáveis das duas equipes que parecem condenadas a lutar pelo derradeiro lugar do pódio, a menos que consigam “descobrir” algo que lhes permita sonhar com a vitória.

Nesse enunciado, trabalharemos com a seguinte léxis:

λ1 <alguém ser rápido>

λ2 <alguém chamar alguém rápido>

Com base nas léxis (1) e (2), elaboram-se as seguintes glosas:

2a) Suponhamos que um sujeito é rápido porque tem como característica ultrapassar o alemão Sebastian Vettel (Ferrari) e intrometer-se entre os dois carros de Maranello.

2b) Suponhamos que um sujeito não tem como característica ultrapassar o alemão Sebastian Vettel (Ferrari) nem intrometer-se entre os dois carros de Maranello. Seria inadequado dizer que se trata de um sujeito “rápido”.

2c) Suponhamos que um sujeito de quem não se espera que tenha como característica ultrapassar o alemão Sebastian Vettel (Ferrari) nem intrometer-se entre os dois carros de Maranello esteja ultrapassando o alemão Sebastian Vettel (Ferrari) e se intrometendo entre os dois carros de Maranello. Podemos dizer que estamos diante de uma ocorrência de um sujeito “rápido”?

O termo *QUE* marca uma imagem do enunciador sobre o coenunciador, produzindo uma imagem de estabilidade fictícia, na medida que transforma a ocorrência da noção < Sebastian Vettel *ser rápido*> em localizador, que em um primeiro momento está estabilizado. Ou seja, será o termo que servirá de localizador para a determinação da ocorrência da noção < Max Verstappen *ser rápido*>.

No momento da relação enunciativa, quando essa projeção de identificação de Max Verstappen como alguém rápido poderia ser validada, *MAIS* reorienta o projeto de existência da representação inicial, isto é, marca junto a Max Verstappen uma diferenciação da noção tipo <alguém *ser rápido*>. No contexto encaixante de <Max Verstappen *ser rápido*>, houve uma orientação inicial no sentido de ratificar uma identificação em relação ao predicado estabilizado provisoriamente <Sebastian Vettel *ser rápido*>.

Logo, na retomada enunciativa, quando localizamos <Max Verstappen *ser rápido*> no espaço enunciativo de <Sebastian Vettel *ser rápido*>, a implicação foi um não-Max Verstappen. Na retomada enunciativa houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação de “Max Verstappen” com “Sebastian Vettel”. Em outras palavras, “Max Verstappen é mais rápido”, implica em um não- Max Verstappen.

Em resumo, *MAIS DO QUE* participa da não existência de “alguém que não é verdadeiramente rápido, mas que alguém o chama de rápido”. Esses termos acionam uma operação de qualificação que resulta na diferenciação qualitativa de “Max Verstappen”. No momento do processo enunciativo não houve a identificação, mas, sim, uma reorientação para “Max Verstappen”. Desse modo, estabiliza-se um valor no exterior do domínio, estabiliza um não-Max Verstappen.

### 3.1.3 Enunciado 3

Ricardo Silva é notoriamente **MAIS NOVO DO QUE** a jornalista, de 57 anos de idade. Estas fotografias surgem exatamente no momento em que Judite Sousa, em entrevista a uma publicação, assumiu já ter "andado com homens mais novos".

Nesse enunciado, trabalharemos com a seguinte léxis:

λ1 <alguém *ser novo*>

λ2 <alguém chamar alguém novo>

Com base nas léxis (1) e (2), elaboram-se as seguintes glosas:

3a) Suponhamos que ser novo seja uma característica notória de um dado sujeito. Constrói-se o interior do domínio de P.

3b) Suponhamos que ser novo não seja uma característica notória de um dado sujeito. Seria inadequado dizer que se trata de um sujeito “novo”. Constrói-se o exterior de P.

3c) Suponhamos que um sujeito de quem não se espera que ser novo lhe seja uma característica notória, exhibe a característica de ser novo como uma característica notória. Podemos dizer que estamos diante de uma ocorrência de um sujeito “novo”? Constrói-se uma zona de fronteira de P.

O termo *QUE* marca uma imagem do enunciador sobre o coenunciador, produzindo uma imagem de estabilidade fictícia. Assim, a ocorrência da noção <jornalista ser novo > transforma-se em localizador, que em um primeiro momento está estabilizado. Esta estabilidade é relativa. Logo, será o termo que servirá de localizador para a determinação da ocorrência da noção <Ricardo Silva ser novo>. O *QUE* marca a trajetória da representação na direção do alto grau (*é atribuído à jornalista todas as propriedades de ser novo*).

No momento da relação enunciativa, quando a projeção de Ricardo Silva novo poderia ser validada ou não, o termo *MAIS* reorienta o projeto de existência da representação inicial, isto é, marca junto a *Ricardo Silva* uma diferenciação da noção tipo <alguém ser novo>. No contexto encaixante de <Ricardo Silva ser novo>, houve uma orientação inicial no sentido de ratificar uma identificação em relação ao predicado estabilizado provisoriamente <jornalista ser novo>.

Logo, na retomada enunciativa, quando localizamos <Ricardo Silva ser novo> no espaço enunciativo de <jornalista ser novo>, a implicação foi um não-Ricardo Silva. Na retomada enunciativa houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a

identificação de “Ricardo Silva” com “jornalista”. Em outras palavras, “Ricardo Silva é mais novo”, implica em um não- Ricardo Silva.

Em resumo, MAIS DO QUE participa da não existência de “Ricardo Silva enquanto novo”. Essas formas acionam uma operação de qualificação que resulta na diferenciação qualitativa de <Ricardo Silva ser novo>. No processo enunciativo não houve a identificação, mas, sim, uma reorientação para *Ricardo Silva*. Desse modo, estabiliza-se um valor no exterior do domínio, estabiliza um não *Ricardo Silva*.

### 3.1.4 Enunciado 4

Eu me sinto mais cearense do que paraense, eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra que eu nasci.

Nesse enunciado, trabalharemos com a seguinte léxis:

$\lambda_1$  < alguém ser algo >

$\lambda_2$  < alguém sentir algo >

Com base nas léxis (1) e (2), elaboram-se as seguintes glosas:

4a) Suponhamos que um cearense é um sujeito que nasceu no Ceará. Constrói-se o interior do domínio de P.

4b) Suponhamos que um sujeito não nasceu no Ceará. Seria inadequado dizer que se trata de um sujeito “cearense”. Constrói-se o exterior de P.

4c) Suponhamos que existe um sujeito que não nasceu no Ceará, mas que é chamado de “cearense”. Constrói-se uma zona de fronteira de P.

O termo *QUE* marca uma imagem do enunciador sobre o coenunciador, produzindo uma estabilidade fictícia, transformando-se a ocorrência da noção <alguém ser paraense> em localizador, que em um primeiro momento está estabilizado. Ou seja, será o termo que servirá de localizador abstrato para a determinação da ocorrência da noção <alguém ser cearense>.

No momento da relação enunciativa, quando essa projeção poderia ser validada, o termo *MAIS* reorienta o projeto de existência da representação inicial, isto é, marca junto a “cearense” uma diferenciação da noção tipo <alguém ser algo>. No contexto encaixante de <alguém ser cearense>, houve uma orientação inicial no sentido de ratificar uma identificação em relação ao predicado estabilizado provisoriamente <alguém ser paraense>.

Logo, na retomada enunciativa, quando localizamos <alguém ser cearense> no espaço enunciativo de <alguém ser paraense>, a implicação foi um não-cearense. Na retomada enunciativa houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação de “alguém cearense” com “alguém paraense”. Em outras palavras, “alguém é mais cearense”, implica em um “não- alguém cearense”.

Em resumo, *MAIS DO QUE* participa na construção da não existência de “alguém cearense”. Esses termos acionam operações de quantificação e qualificação que resulta na diferenciação qualitativa de <alguém ser cearense>. No processo enunciativo, não houve a identificação, mas, sim, uma reorientação para <alguém ser cearense>. Desse modo, estabiliza-se um valor no exterior do domínio, estabiliza-se “um alguém não cearense”.

Ainda nesse enunciado, "Eu me sinto mais cearense do que paraense, eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra que eu nasci", chama-nos a atenção que a 2ª oração “eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra”; e a 3ª oração “que eu nasci”, constroem uma “comparação”, em que ambas se amarram simultaneamente à modalidade temporal. Percebe-se, nesse caso, que a relação comparativa temporaliza a outra relação dentro de um mesmo domínio nocional.

Observamos que essa construção é demarcada por uma ancoragem temporal em que “já moro há mais tempo no Ceará”, em um determinado instante presente, opõe-se a “terra que eu nasci”, logo, Pará, em um determinado momento anterior, passado. O “mais” expressa um qualitativo intensivo e o “já” expressa uma marca espaço-temporal definida. Essa ancoragem temporal só vem ratificar a diferenciação colocada na relação comparativa da 1ª oração, em que se estabiliza um valor no exterior do domínio nocional, estabiliza-se “um alguém não cearense”.

### 3.2 Síntese das análises

A partir das reflexões empreendidas nesta seção, identificamos dois parâmetros convocados pela forma linguística *MAIS DO QUE*:

#### 1. A forma linguística *MAIS DO QUE* aciona relações de alteridade no enunciado.

Observamos, na construção dos enunciados de nossa pesquisa, uma organização recorrente: parte-se de um projeto de representação de existência que visa à existência da representação, ou seja, busca-se a estabilidade. Tanto o *QUE* como o *MAIS* possuem papel importante na construção da existência das ocorrências das noções analisadas, uma vez que o *QUE* projeta uma certa estabilidade, embora mutável, operando como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa), enquanto o *MAIS* marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço. O *MAIS* reorienta esse projeto de existência inicial. Em outras palavras, o sujeito enunciador observa que o *QUE* marca uma possível projeção de existência de *X*, buscando estabilizar *X* em um dado tempo-espaço e *MAIS* marca a reversibilidade dessa orientação; isso significa que há uma reorientação no projeto de existência da ocorrência da noção, uma vez que o sujeito enunciador desloca *X* na direção de descaracterizar *X*, como sendo um não-*X*.

#### 2. A forma linguística *MAIS DO QUE* aciona operações de quantificação e qualificação

As operações de quantificação têm como função trazer à existência uma ocorrência da noção, essa também está sujeita a determinações qualitativas ulteriores. Porém, como demonstramos, por meio das nossas análises, o projeto de existência de representação pode encontrar forças maiores que dificultem e acabem por levar esse projeto a uma não-existência.

Nesse caso, observamos que os enunciados analisados com ocorrências de *MAIS DO QUE*, a princípio, nos leva a uma orientação de estabilidade da representação; no entanto, em um segundo momento, o termo *MAIS* marca a reversibilidade dessa orientação; ou seja, inicialmente, havia uma projeção de existência da ocorrência da noção, que posteriormente ocorreu uma reorientação no sentido da não existência.

Quanto à operação de qualificação, observamos que o termo *QUE*, de início, marca uma identificação, na medida que retoma o projeto de existência da representação, e *MAIS* reorienta

esse projeto inicial, marcando uma diferenciação com o valor inicial. *MAIS* marca uma instabilidade qualitativa das propriedades que garantiriam a existência de  $X$  como tal. O *MAIS* marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço. Houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação, culminando, ao fim, na diferenciação.

Finalizadas as análises e algumas conclusões sobre nosso objeto de estudo, na seção seguinte, encontram-se as considerações finais desta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, propomos o estudo de enunciados com ocorrência de *MAIS DO QUE*, a fim de apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e o valor semântico que elas estabilizam em um determinado contexto específico.

Ao recortarmos *MAIS DO QUE* como objeto de estudo, pretendíamos mostrar, a partir de uma abordagem operatória, como as unidades da língua remetem a noções semânticas indeterminadas, ainda que relativamente estabilizadas na cultura, mas que estão abertas a possibilidades de sentido que transcendem o que está estabilizado, num dado momento, para uma determinada cultura.

Para isso, em nossas análises, nos valemos da atividade de manipulação e reformulação dos enunciados através da elaboração de glosas epilinguísticas, que nos permitem apreender o funcionamento dessas formas para a construção da predicação e, conseqüentemente, da significação.

Com base nos pressupostos da TOPE, assumimos que tanto a linguagem como os sujeitos são indeterminados. Desse ponto de vista, a tese da indeterminação da linguagem poderia estar ligada ao caráter operatório das unidades, isto é, à possibilidade de se desdobrarem no tempo e no espaço, assumindo diferentes papéis. Nesse sentido, nenhuma unidade linguística é dotada de significação fora do enunciado.

A abordagem culioliana, nesse contexto, retrata o dinamismo das operações predicativas e enunciativas que se tornam observáveis a partir de uma formalização metalinguística. Assim, entendemos que simplesmente classificar em categorias as unidades linguísticas anulam a capacidade de representação dos sujeitos, que é particular. A TOPE preceitua, portanto, que o ajustamento e a regulação encontram-se no centro da atividade da linguagem.

Assim, assumindo esses pressupostos, desenvolvemos a análise a partir de suas ocorrências em um *corpus* de língua portuguesa extraído do *Corpus do Português*. Analisamos quatro enunciados com a presença de *MAIS DO QUE*. A partir dessas ocorrências, empregando uma metodologia de análise fornecida pela TOPE, procedemos a manipulação dos enunciados de partida que resultaram na formulação de glosas epilinguísticas que nos permitiram observar o funcionamento de *MAIS DO QUE*. Essas glosas possibilitaram explicitar os possíveis sentidos construídos pela nossa experiência, enquanto sujeitos, e assim demonstrar a valor semântico que *MAIS DO QUE* “estabiliza” nos enunciados.

Inicialmente, partimos dos seguintes questionamentos: a) *MAIS DO QUE* comporta parâmetros que incidem sobre os processos, implicando eventos de ruptura com aquilo que se encontra semanticamente estável? b) Quais os desdobramentos que as unidades linguísticas evidenciam? c) De que modo está fundamentado o funcionamento de *MAIS DO QUE*? Por meio desses primeiros questionamentos, buscamos compreender como esses marcadores se relacionam com outras unidades linguísticas para significar.

Assim, chegamos à hipótese de que nas orações comparativas *MAIS DO QUE* situa representações em relação à situação particular de diálogo; ou seja, partimos da hipótese de que o *QUE* marca a noção que vai operar como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa), enquanto o *MAIS* marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço.

Por meio das glosas, chegamos à conclusão que *MAIS DO QUE* participa na construção da não existência de algo ou alguém, que em uma situação inicial a orientação era, possivelmente, para a existência. O sujeito enunciador vinha atribuindo uma propriedade a alguém ou a algo no tempo e no espaço. Porém, em um determinado ponto do processo de predicação, houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação. *MAIS DO QUE* aciona operações de quantificação e de qualificação que resultam na diferenciação de alguém ou algo. Em outras palavras, o sujeito enunciador observa que o *QUE* marca uma possível projeção de existência de X, buscando estabilizar X em um dado tempo-espaço e *MAIS* marca a reversibilidade dessa orientação. Desse modo, há uma reorientação no projeto de existência da ocorrência da noção, uma vez que o sujeito enunciador desloca X na direção de descaracterizar X, como sendo um não-X.

Conforme atestam as análises, inicialmente, havia uma projeção para valores em conformidade com a estabilização cultural, onde “alguém” ou “algo” seriam detentores da noção tipo, mas que na situação enunciativa houve uma reorientação do projeto de existência, o que antes se tinha uma identificação sem obstáculos, ao final houve uma diferenciação e um outro resultado. O resultado não foi o esperado pela orientação semântica inicial. Graças ao movimento da linguagem, o que se estabilizou é uma diferença de um espaço para o outro, não a identificação como a Lógica preceitua. Observou-se que *MAIS DO QUE* aciona três parâmetros de variação na constituição do enunciado: relações de alteridade, operações de quantificação e qualificação.

Ficou claro, por meio das nossas análises, que o valor atribuído às unidades linguísticas não é estável, e nem tampouco se enquadra em um sistema classificatório de caráter

morfo sintático. Consideramos que a mais importante contribuição dessa pesquisa é demonstrar que as unidades linguísticas assumem valores diversos, e que uma noção, dependendo do contexto enunciativo no qual se inscreve, pode assumir diferentes propriedades, possibilitando novas categorizações.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, C. B. dos S. **Operações enunciativas e valores referenciais - estudo da marca “apesar de”**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Noms d’Agent et Noms d’Action en Indo-Européen**. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948.

CULIOLI, A. Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli. **“Recherche em linguistique: theorie des operations enonciatives”**. Paris: Departement de Recherches Linguistiques, Universite Paris VII, 1976.

\_\_\_\_\_. **Linguistique du discours e et discours sur la linguistique**. In: Revue philosophique. Paris, n. 4, p. 481- 488, 1978.

\_\_\_\_\_. **Notes du séminaire de D.E.A .- 1983-1984**. Paris: Poitiers, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l’énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l’énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l’énonciation: domaine notionnel**. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l’énonciation: Tours et Détours**. Paris: Lambert-Lucas, 2018. v. 4.

CUNHA & CINTRA. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGÛE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J-J. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGÛE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J-J. **Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação**. In: VOGÛE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FUCHS, C. **O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências.** In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.

ONOFRE, Marília Blundi. **Do nome à noção: do enfoque estático ao dinâmico.** In: *Versão Beta: sob o signo da palavra*. São Carlos (SP), nº 22, ano II, julho de 2003a. p. 57-67.

PRIA, Albano. D. **Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”.** 124 f. Doutorado (Tese em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2009.

\_\_\_\_\_. **A semântica operatória de “falso”.** *Revista do GEL*, v. 15, n. 2, p. 132-146, 2018.

REZENDE, L. M. **Operação de predicação e construção de alguns objetos linguísticos.** In: *Cadernos de estudos linguísticos*, nº. 5, Campinas-SP, p. 111-125, 1983.

\_\_\_\_\_. **Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais.** 2000, 456f. Tese (livre-docência em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2000.

\_\_\_\_\_. **A enunciação e a construção da significação linguística: um estudo sobre as orações comparativas.** *Versão Beta*, São Carlos, v. 38, n.38, p. 7-14, 2006.

\_\_\_\_\_. **Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa.** In: *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

\_\_\_\_\_. **Articulação da linguagem com as línguas naturais: o conceito de noção.** In: ONOFRE, M. B.; REZENDE, L. M.; (Org.). **Linguagem e Línguas Naturais: clivagem entre o enunciado e a enunciação.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

\_\_\_\_\_. **Contribuições da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para o ensino de línguas.** *Versão Beta: Sob o signo da palavra*, São Carlos, ano VIII, n. VIII, p.7-28, 2010.

\_\_\_\_\_. **A relação entre o sujeito e objeto de conhecimento: a formação do professor de línguas.** *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (2): p. 562-571, maio-ago 2012.

REZENDE, L. M. **A indeterminação da linguagem e a análise gramatical.** IN: DIAS, L, F. *Língua e enunciação: roteiro e estações.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018.

ROMERO, M. C. **Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização** em Antoine Culioli e Carlos Franchi. In: *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teoria das Operações Enunciativas.** In: ROMERO [et al]. *Manual de Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SILVA, Ana Cristina Salviato. **A marca porque nos textos escolares: uma proposta para atividades epilinguísticas**. 182f. Doutorado (Tese em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade [de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2007.

VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

VOGÜE, Sarah de. **L'effet aoristique**. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.J.; ROBERT, S. *Langues et language: problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, p. 247-259.

ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciação**. 2ed, São Paulo: Humanitas, 2016.